

INTRODUÇÃO

O ontem e o hoje

O Instituto Secular “Servas do Apostolado” desejado por Maria Isabel Henriques Marques Matias e nascido com a aprovação das primeiras Constituições por D. Ernesto Sena de Oliveira, Bispo de Coimbra, há cerca de sessenta anos (1952), ganhou espaço na vida da Igreja Católica na base da Constituição Apostólica “Provida Mater Ecclesia” publicada pelo Papa Pio XII em 1947. E, como todos os Institutos Seculares, surgiu com um intuito bem preciso: realizar de uma forma mais viva e eficaz na consagração dos seus membros aquele diálogo Igreja-Mundo que o Concílio Vaticano II viria a assumir na Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”, como um desafio fundamental a assumir pela Igreja.

Ao intitular-se “Servas do Apostolado”, este Instituto Secular procurava aliar, a partir da consagração dos seus membros, o serviço social às pessoas com o novo ardor da evangelização e isto sempre dentro do meio profissional, cultural, social... em que os seus próprios membros se encontravam. Esse serviço com o novo ardor aconteceu acabando por levar este Instituto Secular a implantar-se e a crescer no nosso país, qual flor que desabrocha e dá os seus frutos mais variados no apoio social e económico a crianças e idosos, na catequese familiar e paroquial, no apoio aos sacerdotes... E tudo em nome do Amor.

Hoje, passados cerca de sessenta anos o Instituto Secular “Servas do Apostolado” quer continuar a estar ao serviço do Apostolado na fé e no amor.

Mas hoje o tempo é outro. A realidade em que vive é diferente. O mundo em que é chamado a dar testemunho da sua esperança ganhou novos contornos. A própria fé cristã não é mais, hoje em dia, socialmente assumida como identificadora da vida das pessoas e das instituições como no passado. Há novos desafios; novos horizontes; novas tarefas. E não podem ser ignorados. É fundamental olhar para eles.

É tendo em conta que estamos num novo contexto que surge este livro. Nele procuraremos delinear em traços largos e breves uma análise da situação sócio religiosa atual que possa ajudar o Instituto “Servas do Apostolado”¹ a redescobrir-se e a reler-se na sua identidade, carisma, espiritualidade e missão aqui apresentadas dentro de novos dinamismos e horizontes.

Entregamos este trabalho Àquele que tomou a condição de Servo tornando-se semelhante aos homens - Jesus Cristo, o Filho de Deus – e colocamos sob a proteção de Maria a Serva do Senhor, o ardente desejo de que ele possa frutificar para bem do mundo, alegria da Igreja e glória de Deus.

¹ A partir daqui usaremos a sigla ISA (Instituto Servas do Apostolado)

I – NÃO PODEMOS IGNORAR

1 – A situação sócio religiosa da nossa velha Europa

Uma primeira e muito comum atitude tentadora seria olhar a situação sócio religiosa da nossa velha Europa acolhendo acriticamente a já tão tradicional chave da secularização, dizendo que o nosso mundo ocidental relegou para um vestígio do passado a religião tornando-a, na melhor das hipóteses, ténue e volátil.

Esta atitude, porém, seria meramente ideológica, porque não corresponderia à realidade que vivemos atualmente. Com efeito, nos nossos dias notamos que a religião não somente não desapareceu, como continua cheia de força. Só que esta religião não é mais vivida intimamente vinculada às instituições eclesiais que a defendem e promovem numa identidade única e objetiva a acolher, mas é antes uma religião vinculada a uma espiritualidade privada e subjetiva onde, numa sociedade pluralista, cada um escolhe a seu gosto o que mais lhe convém independentemente de uma pertença institucional; ou então onde cada um mistura ecleticamente elementos de diversas religiões construindo, “à la carte”, a sua própria religião.

Esta nova situação acabou, por estas razões, por desacreditar a tese da secularização tão em voga e fazer surgir uma outra, a da DESINSTITUCIONALIZAÇÃO, hoje em dia a mais aceite, porque aquela que melhor expressa a situação sócio religiosa atual.

É, pois, na base desta tese da DESINSTITUCIONALIZAÇÃO, cujo perfil apresentamos de seguida, que depois elencaremos os desafios com que hoje em dia o Instituto Secular “Servas do Apostolado” se vê confrontado e que tem necessidade urgente e objetiva de não ignorar mas sim enfrentar para poder, neste novo contexto sócio religioso reler-se e estar hoje, como ontem, ao serviço do Amor.

1.1. A tese da desinstitucionalização: perfil

O perfil da desinstitucionalização começa a ganhar rosto através da característica da INDIFERENÇA para com a religião europeia tradicional institucionalizada e que não é outra senão a religião cristã.

Esta INDIFERENÇA longe, embora, de ser um fenómeno simples, pode, contudo, resumir-se a uma atitude de DESINTERESSE INSTITUCIONAL. Com efeito, esta indiferença manifesta-se em concreto no que toca à instituição religiosa católica e à cosmovisão cristã predominante até agora, sendo notória uma DESVINCULAÇÃO das pessoas em relação à religião cristã institucionalizada, passando, nessa INDIFERENÇA a assumir, por si mesmas, uma crença individualmente livre, organizada na base dos seus sentimentos pessoais aliados a um neo esoterismo ou a um misticismo eclético pós-cristão típico da denominada “New Age”.

Significando, nesta linha, não um desinteresse pela religião em si, mas somente enquanto institucionalizada, a INDIFERENÇA reinante atacou na sua raiz mais profunda a COERÊNCIA DOCTRINAL CATÓLICA FRAGMENTANDO-A.

Esta FRAGMENTAÇÃO encontra-se bem espelhada no inquérito levado a cabo por González Anleo y González Blasco e intitulado “Religião e Sociedade na Espanha dos anos 90”, cujos resultados não estão muito longe da nossa realidade portuguesa. Esse inquérito mostra o seguinte:

- Em relação à crença em Deus, 28,2% creem num Deus cosmovitalista; 25,7% num Deus Pai; 23,5% num Deus juiz; 11,1% tomam uma posição semi-agnóstica.
- em relação à crença na divindade de Jesus, 63,5% creem firmemente nela; 17,7% têm bastantes dúvidas; 7,7% não sabem o que pensar; 2,6% não creem em absoluto nela; 8,4% não respondem.
- em relação às denominadas questões escatológicas temos que na **vida eterna** 43,8% creem firmemente nela; 40,2% não sabem o que pensar; 7,5% não creem em absoluto nela; com respeito ao **céu**, creem firmemente 52,3%; têm dúvidas ou não sabem o que pensar 35,3%; e não creem em absoluto 3,9%; no **inferno** só creem 32%; com dúvidas ou não sabem o que pensar 43,7% e não creem 15,5%;
- em relação à infalibilidade do Papa, só 26,9% a aceitam.

Diante destes dados é inegável a fragmentação da coerência doutrinal católica. E tal fragmentação, se estivermos atentos, acaba por abrir caminho a um PLURALISMO INTERNO CATÓLICO que está muito longe do típico pluralismo interno tradicional já que enquanto este último advinha duma má integração das pessoas dada a sua baixa cultura e a sua ligação inultrapassável a uma religiosidade popular pagã quase mágica, aquela, atual, advém da iniciativa pessoal dos indivíduos que alegam, no clima tolerante e permissivo do nosso tempo, um ou outro conteúdo, uma ou outra perspetiva, unicamente na base duma motivação preferencial subjetivística. Este carácter preferencial centrado na liberdade e sentimentos de cada um é o que mantém de pé este novo pluralismo interno católico que se nota tanto mais quanto mais tivermos em conta que os dados referentes às questões escatológicas acima citados vêm acompanhados de uma contaminação oriental (por exemplo 25 a 29% creem na reencarnação), de algumas incongruências (por exemplo há mais crentes no céu que na ressurreição) e de uma atitude de fé verdadeiramente surpreendente em que só cerca de metade dos católicos consideram que a sua religião é “a verdadeira”, opinando a outra metade, dentro duma atitude ecuménica inter-religiosa, que as outras religiões também têm verdades a oferecer ou então que todas as outras religiões são igualmente verdadeiras.

O perfil da desinstitucionalização, para além de todos estes elementos apontados, carrega consigo ainda uma outra característica bem notória e que tem a ver com o RELATIVISMO que, na base do pluralismo, tolerância e permissividade, faz sem entraves o seu caminho. Este RELATIVISMO que já é visível no campo doutrinal acima enunciado, torna-se ainda mais patente quando entramos no campo moral. Com efeito, em relação à aceitação do Magistério

moral da Igreja temos, de acordo com outro inquérito intitulado “Estudos Sociológicos sobre a situação social da Espanha”, publicado pela Fundação FOSSA em 1976, o seguinte:

- As práticas homossexuais são assumidas como corretas por 41,3% dos jovens que se consideram católicos praticantes e por 40,4% dos que se consideram católicos comprometidos:
- As relações pré matrimoniais são aprovadas por 72,5% dos que se consideram católicos comprometidos.
- Nas questões de ética social, a maioria dos espanhóis praticantes e não praticantes considera que a Igreja não deve propor normas relativas às questões sociais, políticas ou económicas.

Segundo este relativismo moral, cada um julga o que é bom ou mau dependendo das circunstâncias. E, note-se, que de acordo com um outro estudo, em concreto, “Religião e Sociedade em Espanha”, publicado em 1993 por R. Dias Salazar e S. Giner, este relativismo moral é defendido por 59% da população, havendo somente 26% a afirmar o carácter imutável do que é bom ou do que é mau. Daí o não nos admirarmos com o facto de que o Magistério moral da Igreja já não consiga ter sobre as consciências a autoridade de antes, fazendo com que o famoso provérbio “*Roma Locuta, causa finita*” – “Fala Roma, acabou-se a discussão”, já não levante qualquer questão, porque as pessoas pura e simplesmente o ignoram.

Este RELATIVISMO doutrinal e moral assente na fragmentação da coerência doutrinal católica acabou por abrir as portas a uma religiosidade disseminada ou difusa onde a mediação oficial das Instituições acabou por ser substituída cada vez mais pelos gostos, conveniências e sentimentos de cada indivíduo e, assim gerar uma religião “à la carte” onde cada pessoa já não acolhe, mas escolhe a sua religião construindo-a a seu belo prazer mediante um método eletivo, isto é, indo buscar a diversas tradições religiosas e a novas “religiões” que surgem, os elementos que são do seu interesse e agrado, passando, assim, a viver de acordo não com a fé da Igreja mas com a sua própria fé. A esta luz, tal relativismo abriu as portas a uma prática religiosa com novo cariz, o emotivo cultural.

Tal cariz emotivo cultural é bem notório, se tivermos em conta que a religião se tornou hoje em dia uma realidade essencialmente sentimental e afetiva, privatizada e descomprometida, onde o que conta não é mais o compromisso com o testemunho e a evangelização a partir de convicções, nem a solidariedade responsabilizada e responsabilizante para com o semelhante visto como irmão, porque filhos do mesmo Deus e Pai, mas somente o ritualismo pagão moralmente estéril para influenciar Deus e atingir os interesses empírico passionais egocêntricos, onde os outros não têm mais lugar.

Assim sendo, não é de admirar, portanto, que no nosso tempo tenhamos assistido e continuemos a assistir a uma preocupação não tanto evangelizadora mas fundamentalmente

clientelista onde a grande preocupação não é levar o Evangelho da Salvação de Deus aos homens e os homens a Deus, mas tão-somente os meus interesses aos homens e os homens aos meus interesses, numa lógica de mercado em que o que mais importa não é fazer crentes mas prosélitos, isto é, pessoas que aderem não na base da entrega e do serviço mas somente na base da autonomia, realização pessoal e experiência de bem-estar. Por isso notamos também, como hoje em dia assistimos a uma oferta e procura não tanto dos livros sagrados canónicos (exemplo Bíblia), mas antes de uma panóplia de livros ditos de auto ajuda que prometem a realização do indivíduo, o seu bem-estar e conforto, tudo isto dentro numa ética indolor onde já não há mais lugar para a penitência, o esforço pessoal, a conversão e a adesão a uma ortodoxia, mas tão-somente para uma experiência emocional motivante dentro de comunidades emocionais afetivas de proximidade, onde o que conta essencialmente é a vinculação não a uma ortodoxia mas sim ao grupo e ao líder. Este facto faz com que toda a metodologia formativa mude, porque o que conta incutir não é um conteúdo mas uma forma de estar. Neste sentido toda a metodologia formativa acaba por se cingir a estratégias de sedução manipuladora e de culto ao líder, numa formação permanente que acautele a provisoriedade e mudança fácil ligadas coerentemente não a convicções mas a gostos, não a conteúdos doutrinários mas às habilidades dos gestores emocionais, comumente chamados líderes.

É dentro desta situação sócio religiosa atual da velha Europa que o Instituto Secular “Servas do Apostolado” hoje em dia se encontra. E é dela que advêm os grandes desafios que têm que enfrentar.

Quais são? Passamos a enunciá-los.

1.2. A tese da desinstitucionalização: desafios

Ao olharmos com atenção para aquilo que acima ficou dito, podemos extrair daí **três** grandes desafios, a saber: **a flexibilização dogmática tendente a um ecletismo; a experiência afetiva como critério de discernimento do sagrado; a reconstrução neopagã da tradição.** Vejamos cada um deles, particularmente.

1.2.1. A Flexibilização Dogmática

Um primeiro desafio que a situação sócio religiosa da Velha Europa acima descrita coloca é aquele da FLEXIBILIZAÇÃO DOGMÁTICA tendente a um ECLETISMO, isto é, uma espécie de ecumenismo religioso fácil que reduz todas as religiões e cosmovisões da realidade a manifestações ou veículos de Deus totalmente equiparáveis onde tudo vale o mesmo desde que convirja para o Mistério e aponte para Ele, revelando-nos submersos na sua brilhante obscuridade.

Neste sentido, este desafio retira do coração das pessoas a força das convicções objetivas e a consciência de uma pertença institucional obrigante, para as colocar numa situação nova em

que cada um, entregue aos seus gostos e conveniências fundados num pluralismo tolerante e permissivo incontestado, está livre para construir por si mesmo uma religião à sua medida sem ulteriores questionamentos.

Nesta linha, tal desafio lança as pessoas para uma situação profundamente relativista e débil onde cada um vai podendo mudar constantemente de identidade ao sabor das suas tendências subjetivísticas de realização pessoal e experiência emocional pois o critério objetivo orientador de uma identidade dogmática forte acabou por ser sacrificado no altar sentimental dos gostos e das opiniões.

1.2.2. A experiência afetiva, único critério de discernimento do Sagrado

Um segundo desafio prende-se com a eleição da experiência afetiva como critério único de discernimento do Sagrado, onde uma espécie de agnosticismo dogmático pretende desembocar num monismo desejoso de superar todas as contradições, conflitos e dualidades (exemplos: natural-sobrenatural, ciência-religião, matéria-espírito, masculino-feminino...)

Tal desafio propõe um misticismo esotérico holista que vê com toda a facilidade a presença do Absoluto ou do Mistério sempre sem rosto pessoal e, por isso, oferecendo uma imagem de Deus também ela sem rosto pessoal, mas somente como energia difusa percorrendo todos os caminhos da realidade e passível de ser alcançado pelo mero dinamismo espiritual subjetivo de cada um. Este desafio destrói a importância da Revelação de Deus como forma de se fazer presente e atuante para a trocar por uma experiência afetiva pessoal privada onde é cada um, a partir somente de si próprio, que consegue fazer presente Deus.

Devemos, contudo, reparar na consequência que tal atitude gera, a saber, este Deus da experiência afetiva não é mais um Deus pessoal, forte, santo, dialogante, próximo, mas tão somente uma presença volátil e genérica, sentida como uma energia difusa onde cada um acaba por se diluir também por um esforço espiritual privado de aniquilamento na sede de conforto e bem-estar.

1.2.3 A reconstrução neopagã da tradição cristã

Um terceiro desafio tem a ver com a reconstrução neopagã da tradição cristã, na medida em que tanto a flexibilidade dogmática como o ecletismo das novas formas religiosas e a experiência afetiva elevada a único critério de discernimento do Sagrado colocam seriamente o problema do lugar da tradição cristã, da sua memória e da sua reatualização hoje.

E isto, porque atualmente a tendência dominante é aquela duma abertura indiscriminada à novidade relegando para o esquecimento a tradição cristã apelidada de velha e caduca, incapaz de voltar a responder aos anseios do homem de hoje e do próximo futuro.

A este propósito, tenha-se em conta a tendência tão difusa em afirmar que a era do “peixe” (compreenda-se cristã) acabou e que está a brotar e a implantar-se uma nova era, aquela do “Aquário” (compreenda-se New Age). Tenha-se também em conta a tendência geral a não mais considerar importantes e decisivas para a sociedade atual, embora historicamente não se contestem, as raízes cristãs da Europa.

Por tudo isto, este desafio procura fazer esquecer a identidade cristã e os seus valores à sociedade atual e convencer as pessoas que o que importa não é reconstruir na sua originalidade mais profunda essa tradição, mas superá-la através duma reconstrução decididamente neopagã remodelando na sua essência os conteúdos dogmáticos da coerência doutrinal católica fragmentando-os até ao infinito e ajustando-os depois a novas tendências através do método eclético do tanto faz e do tudo vale o mesmo.

Este é o tempo atual. Estes são alguns dos desafios que lança. Este é o novo horizonte de compreensão com que o Instituto “Servas do Apostolado”, como todos os cristãos, se vê confrontado e necessitado de aí continuar a servir o Amor. Como fazê-lo nestas novas circunstâncias passados sessenta anos? Parece haver um único caminho; colocar-se diante de nós uma única solução que se torna a primeira e fundamental tarefa deste Instituto Secular: agarrar com novo ardor nas palavras de Maria Isabel e assumi-las numa releitura dizendo **“Quero atuar no mundo mergulhada em Deus Trindade que adoro”**, o mesmo é dizer, quero afirmar e testemunhar com todo o meu ser, expresso na minha vida e a partir do seu núcleo mais profundo, a IDENTIDADE concreta deste Instituto para não me deixar amedrontar por falsos alarmes nem encantar por aliciantes enredos. É essa IDENTIDADE que procuraremos expor no capítulo que se segue.

II – Atuar no mundo mergulhada(s) em Deus

Um dos pensamentos mais conhecidos de Maria Isabel Henriques Marques Matias é aquele onde se afirma: “Quero atuar no mundo mergulhada em Deus, Trindade que adoro”. É baseados neste belo pensamento que iremos procurar expressar, ao longo deste segundo capítulo, a identidade própria e fundamental do ISA. Contudo, como o ISA é um Instituto Secular a par de tantos outros Institutos Seculares, não podemos deixar de começar por realçar que a sua identidade começa a delinear-se enquanto, e somente enquanto, enquadrada no horizonte específico da natureza própria dos Institutos Seculares surgidos da vivência concreta de tantos homens e mulheres e definidos como tal, com um lugar de direito na Igreja, pelo Magistério de Pio XII através da Constituição Apostólica “Provida Mater Ecclesia” publicada em 2 de Fevereiro de 1947.

Nessa Constituição, verdadeira Magna Carta dos Institutos Seculares, apresenta-se a verdadeira identidade destes Institutos afirmando que eles são distintos dos Institutos Religiosos, carregando consigo uma natureza e especificidade diferentes composta por duas dimensões interativas indissociáveis, a saber, a secularidade e a consagração, afirmação esta

que irá estar presente, numa forma permanente e contínua, sempre que o Magistério oficial da Igreja se vier a pronunciar posteriormente sobre os Institutos Seculares.

É esta identidade distinta dos Institutos Religiosos e composta por essas duas dimensões interativas indissociáveis da secularidade e da consagração que, em seguida, passamos a apresentar tendo por base não só a Constituição Apostólica “Provida Mater Ecclesia” acima referida, mas também o novo Código de Direito Canónico publicado em 1983, e algumas intervenções de Paulo VI e João Paulo II, relacionados com o tema.

1 – A Identidade dos Institutos Seculares

1.1. Uma natureza distinta: Consagração na Secularidade

Querendo, desde o início, realçar a especificidade identitária dos Institutos Seculares denominados oficialmente como tal pela primeira vez na Constituição Apostólica “Provida Mater Ecclesia”, Pio XII diz aí a certa altura: “... o benigníssimo Senhor, que tantas vezes tem convidado, sem fazer aceção de pessoas, todos os fiéis a procurar e a realizar em toda a parte a perfeição, quis, por um admirável desígnio da Sua Providência, que, mesmo no mundo corrompido por tantos vícios, prosperassem, sobretudo na nossa época, numerosos grupos de almas escolhidas. Quis que estas, conservando-se no mundo, não certamente pela falta de zelo pela sua perfeição pessoal, mas em virtude de um chamamento especial de Deus, pudessem encontrar novas e excelentes formas de Associações que correspondam exactamente às necessidades do nosso tempo e nas quais possam levar uma vida muito própria para a aquisição da perfeição cristã”. E, mais à frente, afirma que estas Associações “não usam da vida comum religiosa mas de outras formas externas” para, depois, assumir que estas Associações se chamarão “Institutos Seculares”.

É notório como Pio XII clarifica através desta Constituição que os Institutos Seculares carregam consigo uma natureza e identidade distintas dos Institutos Religiosos. Esta clarificação está também muito patente no novo Código de Direito Canónico e isto de duas maneiras. Uma primeira, quando, a nível formal, o Código dá aos Institutos Seculares um lugar específico de pleno direito na Igreja ao referi-los no Livro II, Parte III, Secção I, e falando deles numa forma concreta na Secção intitulada “Dos Institutos de Vida Consagrada”, mas distinguindo-os dos Institutos Religiosos ao introduzir aí um novo título até então inexistente e denominado “Dos Institutos Seculares” (cf. Can. 710 -730). Uma segunda, quando, a nível do conteúdo, realça que não se deve identificar “Vida Consagrada” com vida religiosa. E, com efeito, ao título I (Can. 573 – 578) apelidado de “Normas Comuns”, o novo Código apresenta uma descrição da vida consagrada que, por um lado, não é suficiente para definir a vida religiosa, pois esta inclui outros elementos (cf. Can. 607) e, por outro, é mais ampla, dado que o valor da Consagração que marca a entrega total a Deus com o seguimento de Cristo e a sua dimensão eclesial, engloba também os Institutos Seculares. Do mesmo modo, diz o novo

Código de Direito Canónico, a definição dos três Conselhos Evangélicos da castidade, pobreza e obediência (cf. Can. 599 – 601) corresponde plenamente aos Institutos Seculares, embora as suas concretizações devam estar de acordo com a sua natureza e forma de vida próprias (cf. Can. 598).

Se, como vimos, o novo Código de Direito Canónico, introduz, por causa da sua natureza distinta, um novo título até então inexistente denominado “Dos Institutos Seculares”, aquilo que emerge, de imediato, como típico e original da identidade destes Institutos é a sua Secularidade indissociável da Consagração. Por isso Paulo VI dizia em 20/09/1972: “A Vossa é uma forma de Consagração nova e original, sugerida pelo Espírito Santo”.

1.2. Vocação original: a índole Secular

A secularidade destes Institutos já expressa na Constituição Apostólica “Provida Mater Ecclesia” ao referir que estes se conservam no mundo, não certamente pela falta de zelo pela perfeição mas em virtude de um chamamento especial de Deus, encontra-se bem expressa no novo Código de Direito Canónico aos Cânones 710, 711, 713 e 714. Aí se refere, com efeito, que a vocação num Instituto Secular requer que se aspire à santidade ou à perfeição da caridade, vivendo as exigências evangélicas “in saeculo”, ou seja, “nas condições ordinárias do mundo” (can. 714), e que o compromisso de cooperar na salvação do mundo se realiza “praesertim ab intus”, ou seja, “a partir de dentro” (can. 710), “ad instar fermenti”, ou seja, “à maneira de fermento” (can. 713 §1); e para os leigos a partilha testemunhal por eles vivida é não só “in saeculo”, ou seja, “no mundo” mas também “ex saeculo”, ou seja “do mundo” (can. 713 §2). E o cânone 711 refere que os leigos dos Institutos Seculares são leigos para todos os efeitos pois “o membro do Instituto Secular pela sua consagração não altera a condição canónica própria, quer laical quer clerical, no povo de Deus.”

Anteriormente também Paulo VI e João Paulo II tinham dito explicitamente:

- “Continuais a ser leigos comprometidos com os valores seculares próprios e peculiares do laicado” (Paulo VI, 20/09/1972);
- “Não muda a vossa condição: sois e permaneceis leigos” (João Paulo II, 28/08/1980).
- E em 25/08/1976 Paulo VI referia que “Os Institutos Seculares devem escutar como dirigido a eles de modo particular” um parágrafo presente no nº 70 da “Evangelii Nuntiandi” que fala em “pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e ativas nas coisas do mundo”.

1.3. Consagração típica: Os Conselhos Evangélicos

A Consagração destes Institutos prende-se com os Conselhos Evangélicos assumidos de uma forma típica. Já a Constituição Apostólica “Provida Mater Ecclesia” refere abertamente que “no que diz respeito à consagração da vida e à profissão da perfeição cristã os associados que

desejem pertencer ao Instituto como membros no sentido estrito devem, além dos exercícios de piedade e de renúncia a que se aplicam necessariamente todos os que aspiram à perfeição da vida cristã, também tender a esta perfeição pelos meios particulares aqui enumerados: primeiro, pela profissão feita diante de Deus, do celibato e da castidade perfeita a qual seja sancionada, segundo as Constituições, por um voto, um juramento, uma consagração, obrigando em consciência. Segundo, pelo voto ou promessa de obediência, a fim de que, ligados por um vínculo estável, se consagrem totalmente a Deus e às obras de Caridade ou de Apostolado, e em todas as coisas permaneçam sempre moralmente sob a autoridade e a orientação dos Superiores, segundo as Constituições. Terceiro, pelo voto ou a promessa da pobreza, que lhes tira a livre disposição dos bens temporais, deixando-lhes só o uso definido e limitado, segundo as prescrições das Constituições.”

Isto mesmo é, não somente confirmado pelo novo Código de Direito Canônico (cf. Can. 599 – 601), mas melhor explicitado, pois o novo Código não só expõe o conteúdo dos Conselhos Evangélicos, mas remete sempre para o direito próprio de cada Instituto as aplicações referentes à pobreza e à obediência reafirmando quanto à castidade, a obrigação de continência perfeita no celibato, pelo que se proíbe às pessoas casadas de serem membros dum Instituto Secular em sentido estrito. Com efeito ao Cânone 721 §1-3 diz-se que é inválida a admissão de um “cônjuge durante o matrimônio”.

Neste sentido, vemos como a consagração nos Institutos Seculares, embora se prenda sempre com os conselhos evangélicos, próprios também dos Institutos Religiosos, ganha um cariz típico e peculiar pelo fato da aplicação da pobreza e da obediência dever corresponder sempre às Constituições de cada Instituto Secular por forma, a que cada Instituto possa determinar as obrigações deles derivadas sempre no sentido de garantir que o estilo de vida dos seus membros dê testemunho de acordo com a sua índole secular. Isto mesmo era afirmado por Paulo VI em 2/02/1972 ao dizer: “os conselhos evangélicos – mesmo comuns a outras formas de Vida Consagrada – adquirem um significado novo, de especial atualidade no tempo presente”. E João Paulo II afirmava em 28/08/1980: “o vosso estado secular está consagrado”.

1.4. Conexão Inseparável

A índole secular e a consagração típicas dos Institutos Seculares são, como deixamos entrever acima, duas dimensões que têm que andar sempre de mãos dadas numa íntima e inseparável conexão como as duas faces da mesma moeda, não se podendo nunca sobrepor uma à outra, sob pena dos Institutos Seculares acabarem por adular ou arruinar a sua própria originalidade identitária. Por isso, já Paulo VI afirmava em 20/09/1972: “A vossa é uma forma de consagração nova e original, sugerida pelo Espírito Santo... Nenhum dos dois aspetos da vossa fisionomia espiritual pode ser sobrevalorizado em detrimento do outro. Ambos são essenciais... sois realmente consagrados e estais realmente no mundo”.

Hoje em dia é necessário mais que nunca ter bem presente esta conexão inseparável, já que no afã de atualizações e releituras da identidade destes Institutos ela pode acabar por ser quebrada. É esta grande preocupação em manter esta conexão inseparável que levou o subsecretário da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Juan J. Dorronsoro, a confessar, nas Jornadas celebrativas do cinquentenário da “Provida Mater Ecclesia” levadas a cabo nos dias 1 e 2 de Março de 1997, em Fátima, que hoje em dia a identidade e a missão dos Institutos Seculares não estão bem definidas relativamente à sua presença concreta no mundo, sendo isso para os bispos uma grande preocupação atual. Diz ele em concreto: “Os Bispos notam que em alguns Institutos tem havido uma evolução para o tipo de consagração religiosa, com detrimento do empenho laical, que tem prejudicado a verdadeira imagem dos Institutos Seculares e também a sua difusão. Outros bispos denunciam uma evolução no sentido contrário, ou seja o empenho laical tornou-se demasiado prevalente e esqueceu-se ou descuroou-se a própria raiz consagrada, com prejuízo para a consagração em si. Por outro lado, alguns falam de missão como se não houvesse nenhuma relação com a consagração. O empenho laical arrisca-se, assim, a perder a sua motivação e o seu conteúdo cristão num ambiente eminentemente incrédulo. Obviamente, aqueles que têm sofrido uma ou outra «evolução» não souberam ou não puderam ter em conta que a consagração e a secularidade são duas características fundamentais que se devem viver e realizar inseparavelmente. Deve atualizar-se uma perfeita síntese, sem que uma característica possa mortificar a outra. Pode dizer-se que, nos casos citados, uma prevaleceu sobre a outra, desnaturalizando o Carisma próprio dos Institutos Seculares²

2 - A Identidade do ISA

Quando em 14 de Agosto de 1952 D. Ernesto Sena de Oliveira, bispo de Coimbra, aprovava, depois de alguns meses antes ter comunicado ao Governo Civil a ereção canónica do Instituto, as primeiras Constituições da Obra de Maria Isabel, dando-lhe o nome de Instituto Ancilla Domini ou Servas do Apostolado, ainda não estava definida a sua identidade. Contudo, sete anos depois, (em 1959), após profunda reflexão e discussão aturada, o Instituto, viria a ser, por vontade de Maria Isabel e de D. Ernesto, um Instituto Secular que se propunha, como se pode ler no resumo dos Estatutos, publicado em 1965, “Trabalhar em espírito de reparação sacerdotal e missionário para louvor e glória de Deus (...)”; procurar “a crescente santificação dos seus membros pela prática dos conselhos evangélicos” e exercer “o apostolado na família, especialmente na infância e juventude, através da Escola Primária, de centros apostólicos e sociais, de lares de estudantes, casas de formação apostólica e social, escolas de Educação Familiar Rural e de Formadoras da Infância”, sem deixar de “colaborar o mais possível com o apostolado da Paróquia”.

² AAVV, Os Institutos Seculares Rumo ao Terceiro Milénio. Desafios e Esperanças. Paulinas, Lisboa 1997, p. 78-79.

Nascendo, assim, como Instituto Secular, o ISA adquire, como todos eles, a sua especificidade identitária, antes de mais, a partir das duas dimensões de secularidade e de consagração aliadas numa conexão inseparável que as mantém num equilíbrio dinâmico e coerente. Por isso, o ISA, pela Secularidade assume estar no mundo e atuar no e a partir de dentro do mundo; e pela Consagração, assume estar mergulhado em Deus pela assunção dos conselhos evangélicos que lhe é própria.

Contudo, e para vermos mais de perto a identidade do ISA, convém, passados sessenta anos da sua vida analisar em traços largos o logótipo com que ele hoje se apresenta à Igreja e ao mundo, para numa fidelidade criativa o projetarmos no futuro com toda a sua força e vigor. Para isso, começaremos por descrever o logótipo passando, depois, a interpretá-lo para, em seguida, fazer vir à luz do dia as características identitárias fundamentais do ISA aí presentes.

2. 1.O Logótipo atual do ISA



Este logótipo é um símbolo. E, como todo o símbolo, ele revela ocultando, desafiando a imaginação e a criatividade de quem o olha para que veja até o que se oculta. Neste sentido ele está aberto ao olhar de cada um. Mas sempre, e somente, enquanto esse olhar acontece no horizonte objetivo daquilo que as autoras nele quiseram integrar. Por isso, antes de cada um o começar a interpretar com a sua imaginação e criatividade, é necessário explicitar esse horizonte objetivo que o ISA aí quis oferecer e que não é outro senão o da sua própria identidade (secularidade consagrada ou consagração secular) expressa num conjunto de elementos bem concretos e definidos, interligados entre si através de um dinamismo interpretativo bem preciso, e necessitados de estarem sempre bem presentes pois, só assim, essa identidade, encerrada no logótipo, será defendida e promovida fugindo a tudo o que seja ou procure ser adulteração, traição e confusão.

2. 1. 1. Descrição objetiva do Logótipo

Este logótipo é constituído por elementos bem concretos, cores bem precisas e letras bem definidas. Os elementos são uma planta com 3 folhas, um círculo, uma cruz, um coração e uma figura geométrica irregular. As cores são o branco, o verde e o azul. As letras são o **S** e o **M**.

A sua disposição, se lermos o logótipo de dentro para fora ou seja do centro para a periferia é a seguinte: na parte mais interior do logótipo encontramos uma planta com três folhas representada na cor verde escura; esta planta encontra-se dentro de um

círculo representado na cor branca; esse círculo branco com a planta verde escura de três folhas está situado no centro de uma cruz com braços curvos representada a branco, braços esses mais curtos do lado direito e mais compridos do lado esquerdo de quem olha, dado que o círculo branco com a planta verde de três folhas se encontra inserido no lado direito (de quem olha) de um coração que o logótipo apresenta na cor azul. Todo este conjunto encontra-se encerrado numa figura geométrica irregular, representada na cor verde clara e entrecortada por linhas curvas desenhadas a cor branca. A letra **S** é formada pela linha superior esquerda do coração e pelos dois braços mais compridos da cruz presentes no lado esquerdo do coração, linha e braços esses de cor branca. A letra **M** é formada pela linha branca exterior que envolve o coração.

2. 1. 2. Interpretação objetiva do Logótipo

Tendo em conta a descrição feita passemos agora à sua interpretação, realçando o sentido e significado presentes nesses elementos, cores e letras.

Começando pelos elementos atrás referidos e tendo em conta a sua disposição do centro para a periferia, vemos que:

- A planta com três folhas na cor verde escura significa, simultaneamente, o Deus Trindade presente no mundo e no coração do ISA; e o ISA, nas pessoas concretas que o constituem, cheio de vigor e entusiasmo na sua vocação secular consagrada e na sua missão de evangelizar, com o Deus Trindade, o mundo em que se encontra;
- O círculo branco significa, simultaneamente, a presença de Jesus Cristo na comunhão com a Trindade sob as espécies eucarísticas (Hóstia Consagrada) onde os membros do ISA se encontram mergulhados para atuar no mundo; e o mundo onde os membros do ISA se encontram inseridos com a responsabilidade de o transformar evangelicamente, assumindo a sua consagração pelo batismo e pelos conselhos evangélicos;
- A cruz com braços curvos na cor branca, significa simultaneamente, a irradiação do testemunho dos membros do ISA vivendo em comunhão profunda com a Cruz redentora de Jesus entregue permanentemente pela humanidade na Eucaristia como Hóstia Santa agradável a Deus; e o envolvimento do mundo pela cruz redentora de Cristo acolhida como fonte transformadora do mundo pelos membros do ISA na sua ânsia evangelizadora e no seu zelo apostólico.
- O coração a azul significa o Coração de Deus Trindade que abraça no seu Amor infinito, pela cruz de Cristo, o mundo oferecendo-lhe gratuitamente a Salvação. Essa cruz redentora de Jesus é atualizada permanentemente na Eucaristia. Deus entra no mundo revelando-se um Deus bom, misericordioso, compassivo, cheio de Amor. É um Deus que quer aliar a si nessa tarefa e missão o ISA, chamando os seus membros a identificarem-se com Ele.

- A figura geométrica irregular a verde claro entrecortada por traços brancos significa o mundo real e concreto que é irregular e, por isso, não perfeito devido ao nosso pecado, entrecortado por linhas brancas indiferenciadas e desconexas e, por tanto, efêmero e passageiro composto por alegrias e tristezas, esperanças e angústias, sempre necessitado da ação de Deus para caminhar em direção aos novos céus e à nova terra, à nova Jerusalém Celeste.

Pelas cores presentes no logótipo, intuimos o lugar do ISA na História da Salvação:

- A cor branca, síntese de todas as cores, significa a entrega total e integral de Deus à Humanidade em Jesus Cristo Seu Filho de uma vez por todas na Cruz e atualizada continuamente na Eucaristia para transformar evangelicamente o mundo.
- A cor azul, síntese de céu, terra (o planeta azul) e mar, significa a presença atuante do amor de Deus desafiando o mundo a ir sempre mais longe e mais além, entregando-se à renovação e transformação pelo acolhimento dos Seus mandamentos de vida eterna.
- A cor verde, cor repousante dos prados verdejantes, significa o convite/desafio feito por Deus a deixar-se conduzir na fé por Jesus Cristo Seu Filho no Espírito Santo para, num dinamismo de relação e adesão a Ele, poder chegar a alcançar o lugar do Seu repouso.
- As cores branca, azul e verde, são tudo cores frias para significar que a fé e a entrega dos membros do ISA ao serviço do Amor pela salvação do mundo em Jesus Cristo, não estão fundadas num mero sentimento emocional centrado no gosto do momento, mas sim no acolhimento responsável e responsabilizante dum chamamento discernido na objetividade do encontro relacional com Cristo que se impõe a partir do mais profundo do coração como Aquele que não se deixa nunca manipular por interesses empírico-passionais, mas antes obriga interiormente a partir do coração.

Em relação às letras vemos que:

- O **S** é a inicial de palavras centrais na identidade do ISA como são: **Secularidade, Serviço, Salvador.**
- O **M** é a inicial de Maria Mãe de Jesus, aquela que surge para as Servas do Apostolado como o exemplo mais completo e acabado a imitar na sua verdade mais profunda de Serva humilde e fiel que coloca o mundo em Deus e Deus no mundo ao acolher e dar à luz Jesus Cristo o Filho de Deus Salvador.

2. 1. 3. A Identidade do ISA segundo o Logótipo

Tendo em conta a descrição e interpretação acima enunciadas podemos afirmar desde já que o logótipo atual do ISA expressa bem a sua identidade de Instituto Secular assumida na conexão inseparável de secularidade e consagração e norteadas pelo pensamento “quero atuar no mundo mergulhada em Deus” da fundadora Maria Isabel Henriques Marques Matias.

A secularidade é expressa pelo logótipo ao assumir que os membros do ISA presentes na planta verde com três folhas estão no mundo³ e é a partir dele que, como fermento, são chamados a transformá-lo abrindo-o⁴ ao amor de Deus revelado na Cruz de Cristo e presente no coração amoroso de Deus.

É expressa também porque mergulhadas no amor de Deus revelado na Cruz de Cristo,⁵ permanentemente atualizada na Eucaristia⁶ sinal do amor eterno de Deus⁷, estão dentro do mundo⁸ e é dentro dele e nele que são chamadas a atuar para o transformar pela vivência dos valores evangélicos.

Os mesmos elementos expressam também a consagração, porque as Servas do Apostolado pela consagração batismal e conselhos evangélicos, expressa pela cruz e pelo coração de Deus que abraça totalmente o mundo, alimentam todo o seu ser na Eucaristia, permanente atualização da Cruz de Cristo sinal máximo do amor de Deus. É somente, enquanto mergulhadas na Eucaristia que atuam no mundo qual fermento que leveda a massa.

A conexão inseparável entre a secularidade e a consagração está no facto de o logótipo não fechar em compartimentos estanques quais átomos isolados os elementos referentes à consagração e à secularidade, mas antes os colocar em interação profunda, quais vasos comunicantes, manifestada na abertura contínua presente nos traços brancos que unem todos os elementos uns aos outros.

III RASGAR HORIZONTES

Na apresentação que fizemos acima, da identidade do ISA, ao realçar a indissociabilidade existente entre consagração e secularidade deixamos já bem claro que as Servas do Apostolado são chamadas a transformar o mundo abrindo-o ao amor de Deus revelado e presente em Jesus Cristo. Tal chamamento está, por isso, naturalmente aberto àquilo que é a própria missão do ISA – atuar dentro do mundo na base da fé em Jesus Cristo para, à maneira de fermento, sal e luz, potenciar que nele se rasguem os novos horizontes próprios dos valores do Reino: justiça, verdade, paz,

³ (círculo branco)

⁴ (cf. abertura para a cruz de cor branca e para o coração de cor azul)

⁵ (cruz branca)

⁶ (se se vir no círculo branco a Hóstia Consagrada)

⁷ (coração azul)

⁸ (se se vir o mundo como a figura geométrica irregular)

liberdade, dignidade... E isto, tendo em conta que quanto mais viver a sua missão mais promoverá a sua identidade e, vice-versa, quanto mais forte for a sua identidade, mais eficaz se torna a sua missão.

Neste sentido, a missão do ISA como atuação no mundo, qual fermento, sal e luz, brota não dum mero desejo ou vontade de afirmação, mas sempre da fé que habita no coração dos seus membros acolhida como dom e percebida como o húmus donde a missão brota e onde é chamada a alimentar-se constantemente. É na fé que a missão se enraíza. É a fé que surge como o fundamento da missão. É a fé que garante a sustentabilidade da missão. E isto, porque a fé é o valor fundamental da vida que abre a uma existência representativa expressa numa profunda transparência colocada ao serviço humanizador do mundo.

1 – VETORES fundamentais da Missão do ISA.

1.1.A Fé como valor fundamental da vida.

Sendo a fé cristã não uma teoria ou uma doutrina, mas a adesão pessoal a Jesus Cristo, no seio da Trindade, o sentido da missão do ISA enraíza-se no valor fundamental da vida que a fé representa, ou seja, na riqueza inestimável de vida que é a fé para a existência humana de todo o homem e mulher e, por isso, necessitada de ser comunicada nessa riqueza que ela é, a todas as outras pessoas.

Neste sentido, as Servas do Apostolado sentem a necessidade interior de comunicar aos outros a sua fé porque percebem existencialmente o que ela significa para o sentido da sua vida e para a vida de todas as outras pessoas e que é a certeza de que em Jesus Cristo encontramos a resposta mais cabal a todas as interrogações humanas e a realização mais plena e radical da pessoa humana em todas as dimensões da sua dignidade mais profunda.

A esta luz, a missão não surge como um suplemento da sua fé, ou seja, algo que se lhe acrescenta de fora, mas como uma expressão elementar e natural, o fruto amadurecido da sua vida cristã em qualquer situação do mundo em que se realize.

Para elas, como para S. Paulo, a missão encontra-se entranhada no seu próprio ser de fé. E, por isso, se S. Paulo exclamava – “Ai de mim se não evangelizar!” – cada Serva afirma – “Ai de mim se não for missionária!”. Não é uma questão de honra, vantagem ou afirmação pessoal. É, tão somente, uma questão de obrigação interior. É que à luz da fé dão-se conta daquilo que é sublinhado por João Paulo II⁹ : a missão “é o sinal da maturidade da fé e de uma vida cristã que dá fruto”. E, assim, descubrem que o estiolamento da sua dimensão missionária teria a ver diretamente com o facto de a fé não estar suficientemente enraizada na totalidade da pessoa de cada uma delas, na estrutura da sua própria

⁹ RM,77

personalidade, na globalidade das motivações que determinam o seu viver. E, tendo ainda em conta o que refere o mesmo João Paulo II - “é dando a fé que ela se fortalece”¹⁰ -, as Servas do Apostolado estão bem conscientes que a ausência do sentido de missão afetaria a própria qualidade do seu viver crente como indivíduos e como comunidade, pois é essencial para a vida de fé a presença do vigor e ardor missionários, sendo a sua ausência um caminho para o estiolamento da mesma fé.

Nesta linha, em pleno século XXI, o ISA centrado na fé cristã como um valor fundamental da vida adere, nos seus membros, de alma e coração ao projeto de uma nova evangelização proposto por João Paulo II e procura, nesse sentido, rasgar novos horizontes típicos de um novo ardor missionário e de uma primavera de esperança cristã.

1.2.A Existência Cristã como “Existência Representativa”

Percebendo a fé como valor fundamental da vida, as Servas depressa se dão conta que ele não está em todos os corações. E descobrem com toda a naturalidade a impossibilidade de explicar com racionalidade cristalina porque é que isso acontece, ou seja, porque é que elas têm fé e outros não, porque é que o seu percurso pessoal e social lhes permitiu serem crentes enquanto ao seu lado, muitas outras pessoas há - boas, sérias, honestas - que não acreditam. Este facto inexplicável racionalmente, leva-as a intuir a existência de um mistério, no qual foram introduzidas, - o mistério da Gratuidade. A fé que habita em seus corações é um dom. Se a vivem é porque outros lha transmitiram. E o Outro (Deus) lha possibilitou.

Diante deste mistério de gratuidade onde se situa a fé, as Servas do Apostolado, deixam brotar dos seus corações, antes de mais, hinos de louvor e de ação de graças numa atitude profunda de reconhecimento por tal dom tão excelente. Mas, depois, deixam-se assaltar também por uma certeza que se transforma numa decisão de responsabilização que as leva a afirmar: recebemos o dom da fé por outros e tal dom encontra-se em nós a favor de outros, isto é, sentimos que somos portadoras de um dom gratuito em vez de outros (que poderiam ter fé mas não têm) e compreendemos que a fé é um dom que nos foi entregue para ser transmitido e testemunhado a favor de outros, um dom a testemunhar “como serviço aos irmãos e resposta devida a Deus”¹¹.

A esta luz emerge, então, com grande clarividência aos seus olhos que a existência cristã é uma “existência representativa”, isto é, uma vida pessoal de fé, esperança e amor que não existe para si mesma, mas para ser sinal/sacramento no meio dos homens e a favor deles. O ISA existe, assim, para sinalizar e atualizar no mundo a oferta salvadora de Deus. Aponta para fora de si mesmo e para além de si mesmo no sentido da salvação dos homens e da

¹⁰ Ibidem,2

¹¹ RM,11

salvação do mundo, pelo que o dinamismo permanente e nuclear que marca o seu ser e agir é o dinamismo missionário de ida ao encontro dos homens e de serviço ao mundo, a partir de dentro do mundo e do encontro dialogal com os homens.

1.3.A Missão como “transparência “ do Amor de Deus

No ir ao encontro dos homens procurando ser Sinal/Sacramento do amor de Deus no meio deles e a favor deles, o ISA dá-se conta que, para isso, tem que ser nos seus membros uma “transparência” da Soberania amorosa de Deus, do Seu amor incondicional para com as pessoas pelo que, no seu testemunho e serviço tem que procurar reproduzir, o modo de ser e agir do próprio Deus revelado e presente em Jesus Cristo. Assim, se Deus é amor, as Servas hão de deixar transparecer esse Deus amor. Se Deus é verdade, hão de manifestar esse Deus verdade. Se Deus é acolhimento e proximidade, hão de espelhar esse Deus acolhimento e proximidade. E assim por diante com Deus justiça, Deus serviço, Deus misericórdia e perdão, Deus bondade, Deus paz e reconciliação ...

Neste sentido a missão do ISA é aquela de mostrar (deixar transparecer) que Deus ama o mundo, que a salvação é oferta misericordiosa de Deus para cada homem na situação concreta em que se encontra, que cada homem é vocacionado para o amor na fraternidade com outros homens e para ajudar todos a abrirem-se ao amor criador e salvador de Deus na certeza de que a questão de Deus tem que ver com valores decisivos em ordem à construção dum mundo mais justo e mais esperançoso para o homem.

Nesta consciência da missão como transparência do amor de Deus no mundo, o ISA sabe que é Deus e só Deus a fonte permanente do seu entusiasmo, vigor, esperança e ardor. Mas sabe também que Deus age sempre para além das nossas fronteiras e das nossas capacidades. Por isso, não deixará nunca transformar o entusiasmo e vigor em fanatismo nem a esperança e ardor em manipulação, mas antes saberá viver uma ativa e paciente serenidade em que, animado, nos seus membros, pela paixão de Deus amigo dos homens, se torna instrumento perseverante ao serviço de Deus e dos irmãos, deixando-se envolver para isso por aquele amor que à imagem do Deus amor “é paciente, prestável, não é invejoso, nem arrogante, nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 cor. 13, 4-7).

1.3.1. A Missão como serviço humanizador do mundo.

Consciente do que a força salvadora do Evangelho significa para a humanização deste mundo, o ISA rapidamente descobre que o horizonte da sua missão é a construção de um mundo renovado à luz de Jesus Cristo, a criação de uma sociedade mais justa e fraterna à luz da Trindade. É que, de acordo com o Evangelho, a libertação cristã não pode deixar de envolver a libertação humana; a fidelidade a Deus anda indissolavelmente ligada à

fidelidade ao homem; e o amor a Deus não existe sem o amor aos irmãos. Por isso, o esforço pela realização de um ser humano mais pleno e a transformação das estruturas da sociedade de acordo com a dignidade do homem à luz de Deus não são elementos acidentais e secundários, alheios ao anúncio do Reino de Deus, nas formas de visibilização da soberania amorosa de Deus, acolhida na liberdade dos homens. Assim sendo, as Servas do Apostolado assumem que a sua missão engloba o serviço à transformação das realidades terrenas segundo Deus, como antecipação do Reino, e isto como algo não exterior mas inerente ao ser mesmo do ISA no mundo.

Neste sentido, em comunhão com toda a Igreja, o ISA procura assumir e concretizar algo que é próprio e inerente à mensagem do Evangelho e que João Paulo II traduz com as seguintes palavras: “Com a mensagem evangélica, a Igreja oferece uma força libertadora e criadora do desenvolvimento, exatamente porque leva à conversão do coração e da mentalidade, faz reconhecer a dignidade de cada pessoa, predispõe à solidariedade, ao compromisso e ao serviço dos irmãos, insere o homem no projeto de Deus, que é a construção do Reino de paz e de justiça, e já a partir desta vida”¹².

Centrados na fé cristã vimos os vetores fundamentais que constituem a missão do ISA. Mas agora perguntamos: que atitudes são chamados a incarnar, os membros do ISA, para realizar esta missão com as exigências que o seu exercício lhes coloca?

2 – ATITUDES/EXIGÊNCIAS a INCARNAR

2.1 Alegria de ser testemunha/credibilidade de ser discípulo.

Como a visibilidade da fé exige que esta esteja enraizada na totalidade da pessoa, na estrutura própria da personalidade e na globalidade das motivações que determinam o próprio viver, a verdadeira missão assenta sempre na qualidade da vida dos cristãos, na santidade que brota da sua fidelidade a Deus, na sua capacidade alegre de serem testemunhas fidedignas. Assim, é somente através de pessoas que incarnam a mensagem cristã no seu ambiente vital, que a tornam pessoalmente plausível e intersubjetivamente comunicável, que desenham modelos cristãos de vida humana plenamente realizada, que o convite à fé e ao acolhimento de Deus pode encontrar credibilidade. Com efeito, como diz João Paulo II sublinhando aquilo que já Paulo VI referira: “O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos factos que nas teorias. O testemunho cristão é a primeira e insubstituível forma de missão”¹³.

¹² RM.59

¹³ RM,42;cf. EN,41

Tendo isto em conta, as Servas do Apostolado descobrem, que não bastam belos desejos e boas intenções mas que é necessária uma fidelidade vivencial aos critérios do Evangelho numa coerência vital de discipulado, isto é, numa disposição atuada de um pôr-se a caminho nas pegadas de Cristo para vislumbrar aquilo que o seu Espírito lhes pede nas circunstâncias múltiplas e complexas da vida, procurando discernir, através da capacidade deste mundo, os apelos de Deus.

Com esta consciência assumem a necessidade de tudo fazerem para incarnarem pessoalmente a própria vocação e as suas responsabilidades tornando-se capazes de correr o risco de serem crentes no meio duma matriz cultural progressivamente hostil e/ou indiferente e de fazerem um anúncio decidido e claro do Evangelho, estando certas de que hoje, numa situação de diáspora, de pluralidade das visões do mundo e de fragmentação das ofertas de sentido, a fé só se pode afirmar e transmitir a partir duma convicção pessoal profunda numa progressiva identificação da própria personalidade com a opção crente. Por isso, descobrem que é essencial que as suas vidas se tornem cada vez mais vidas testemunhais alegres, credíveis e felizes, atuando dentro do mundo qual fermento na massa, qual sal na comida, qual luz na escuridão.

Qual fermento na massa, sabem que, embora poucas, frágeis e limitadas, tudo o que fizerem ao serviço de Deus e dos irmãos é multiplicado a cem por um pela graça e, duma forma discreta, mas real, vão fazendo crescer o mundo para Deus rasgando os novos horizontes do Reino.

Qual sal na comida, sabem que não perdendo o seu sabor, (a sua identidade missionária) e não tendo medo de se dissolver no serviço do amor, estão a colaborar para que a soberania amorosa de Deus se manifeste e o seu rosto acabe por irromper através dos novos horizontes rasgados pelos valores do Reino.

Qual luz na escuridão, sabem também que, colocadas pelas suas obras de amor decorrentes da fé nas entranhas deste mundo, tecem fios de luz capazes de fazer vislumbrar o rosto de Deus e do seu amor soberano e, deste modo, dar aos homens novos horizontes de esperança.

2.2. Atenção profunda à vida real e concreta

Uma segunda atitude/exigência que a missão obriga a incarnar aos membros do ISA é a atenção à vida concreta, já que a fé há de ser sempre uma capacitação para uma perceção mais aguda da vida dos homens, levando a aprofundar os problemas do mundo, a captar a cultura envolvente, a fazer uma leitura crente da realidade, a descobrir pistas de ação e a ganhar forças para as percorrer.

A esta luz o ISA descobre que só se pode ser missionário a partir de uma rigorosa análise da realidade. É que é a análise da realidade que permite deslocar o centro de atenção de dentro do ISA para fora dele; que converte a apresentação do Evangelho não em pura doutrinação mas sim em iluminação dos problemas reais das pessoas; e que assegura uma adaptação da linguagem aos modos de entender e às expectativas do homem concreto.

Nesta linha as Servas assumem ter constantemente uma consciência mais apurada da vida concreta das pessoas e seus problemas, pois sabem que só ela lhes pode mostrar o que há, para o bem da sua missão, a mudar na linguagem e no modo de agir por forma a que o anúncio do Evangelho seja melhor acolhido.

Essa atenção à vida concreta torna-as mais perspicazes para não se deixarem envolver em leituras feitas com esquemas pré-concebidos ou em discursos hermeticamente fechados à compreensão do comum das pessoas, capacitando-as, antes, para um frutuoso diálogo e uma honesta sensibilidade às questões que as pessoas verdadeiramente colocam superando, deste modo, atitudes triunfalistas e fomentando um saudável sentido de autocrítica para a credibilidade da mensagem.

Nessa atenção profunda à vida real das pessoas estão também conscientes que não existem receitas missionárias rápidas, “take away”, e infalíveis nos seus métodos, pelo que aprenderão a atuar no mundo e a responder às esperanças e necessidades dos homens seus contemporâneos sempre dinamizadas por uma paciência perseverante ou uma perseverança paciente colocando-se, deste modo, com toda a sua missão no tempo de Deus, a única forma de evitar nervosismos, desânimos e angústias emergentes de uma sede de sucesso que na missão não têm qualquer cabimento. É que, estando integradas no tempo de Deus, sabem que estão integradas no tempo de gratuidade e que, por isso, toda a sua missão levada a cabo na base da atenção à realidade concreta não constitui um “marketing” mas um testemunho, pelo que não manipula mas liberta, não impõe mas respeita, e somente fala na base da escuta porque o critério último de toda a missão é sempre o serviço do amor aos homens concretos.

2.3. Amor preferencial pelos que estão fora

Uma terceira atitude/exigência a que o exercício da missão obriga as Servas do Apostolado é o amor preferencial pelos que estão fora, integrando aqui não somente os que estão fora da fé, mas também os que estão à margem da vivência dos valores do Reino ou seja os injustiçados e feridos na sua dignidade de seres criados à imagem e semelhança de Deus.

Em relação aos primeiros, aqueles para quem a questão de Deus parece ser indiferente ou que vivem como se Deus não existisse, a responsabilidade missionária das Servas prende-se antes de mais com o facto de saber que o critério da compreensibilidade do anúncio

cristão e a sua orientação fundamental não é o crente mas o descrente, o que implica a decisão incisiva e persistente de como é possível despertar a fé onde ela não existe, questão que as obriga a concentrarem a sua ação missionária naquilo que é o essencial, o Kérigma, ou seja, o anúncio alegre e ousado do Mistério Pascal de Jesus Cristo como manifestação última e definitiva do amor de Deus para com a humanidade e a deixar de lado aspetos acessórios, não essenciais para o testemunho e a transmissão do Evangelho. Neste sentido têm também muito em conta a questão da linguagem como meio privilegiado de comunicação da fé, libertando-a de expressões estranhas ao comum das pessoas e enchendo-a de imagens e alusões à fé capazes de entrar nos ouvidos dos seus contemporâneos e atingir os seus corações. Para tal, sabem ser necessário perseverança, imaginação e criatividade. Só com elas podem abrir novos caminhos, atingir novos corações, rasgar novos horizontes. E nessa criatividade sabem também que a linguagem comunicante não se prende apenas com a linguagem verbal, mas também com a não verbal, ou seja, não apenas com o discurso mas também com o testemunho de vida, pois este é, com efeito, uma profunda, verdadeira e eficaz linguagem.

É tendo em conta estas duas dimensões da linguagem, a verbal e a não verbal, que as Servas acabam por se dar conta que o amor preferencial pelos que estão fora também se prende com a atenção profunda aos que de alguma maneira são postos à margem numa condição de justiça e dignidade, ou seja, uma atitude que o Evangelho, nas pegadas de Jesus Cristo, denomina de amor preferencial pelos mais pobres. Com efeito, o que mais questiona a realidade de Deus no nosso mundo são as situações amplas e profundas de injustiça e a cumplicidade dos cristãos nessas situações por falta de denúncia profética e de ação conseqüente. De facto, a realidade histórica de pessoas que não têm condições para serem pessoas contradiz frontalmente a Boa Nova Evangélica; é uma realidade – mais do que todas as dúvidas intelectuais – que põe em causa a credibilidade do Evangelho e o anúncio cristão de Deus como lembrou João Paulo II “não se pode separar a verdade acerca de Deus que salva, de Deus que é fonte de toda a dádiva, da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e pelos humildes”¹⁴.

A esta luz as Servas do Apostolado estão profundamente convencidas que a credibilidade da sua missão passa decisivamente pelo facto das suas pessoas serem inequivocamente solidárias com os mais pobres. E, para isso, sabem que lhes é exigido pela mesma missão uma conversão evangélica contínua dos seus corações, uma fidelidade corajosa e um espírito de iniciativa para um compromisso autêntico e concreto com os mais carenciados e marginalizados da sociedade, pois sabem também que só esta forma de proceder as ajudará a rasgar, dentro do mundo em que se encontram, novos horizontes típicos de uma verdadeira cultura da solidariedade fraterna e da generosidade gratuita no serviço, na entrega e na doação sem reservas.

¹⁴ RM,37

Depois de tudo o que ficou dito neste capítulo, podemos concluir dizendo que rasgar horizontes de esperança dentro do mundo em que se encontram com os critérios do Reino servindo o amor na base da fé é, em síntese, a grande missão do ISA na certeza de que é por isto que as pessoas anelam neste século XXI, ainda que muitas vezes pareçam ignorá-lo.

IV – “SUJAR AS MÃOS”

A Missão acima referida, ganha maior consistência e visibilidade ao ser delineado o carisma do ISA pois a missão brota do carisma ao ser atuado na especificidade que o caracteriza. É por isso necessário dar um passo mais em frente, debruçando-nos agora, sobre o carisma do ISA procurando identificá-lo e relê-lo de acordo com os desafios com que hoje em dia se confronta. Para isso, vamos percorrer, neste quarto capítulo, um caminho composto por três momentos intrinsecamente unidos. Primeiro, aludiremos ao carisma do ISA tal qual vem expresso nas Constituições de 1989. Depois, procuraremos fazer uma releitura questionadora daquilo que aí é afirmado. Por fim, abriremos essa releitura a uma atuação do carisma de acordo com os desafios que hoje em dia se lhe colocam.

1- Especificidade do Carisma do ISA nas Constituições de 1989

Olhando às Constituições de 1989 podemos ler ao capítulo primeiro da primeira parte o seguinte: “Na diversidade de dons e carismas que Deus concede à Igreja em Jesus Cristo, pela ação do Espírito Santo, para o bem comum, o que nos caracteriza é o Espírito de Serviço Apostólico e Missionário. Seguindo o exemplo da Fundadora do Instituto “pomo-nos em disponibilidade para colaborar com a Igreja particular na evangelização e catequese, com especial preferência pela formação de leigos para o seu compromisso no mundo e na Igreja”. E mais à frente: “À semelhança de Maria, a «Serva do Senhor», que tomamos como modelo...”

Destas afirmações, resulta muito claro que:

- a) O carisma do ISA prende-se com um dinamismo de serviço.

Neste sentido o ISA apresenta-se como um dom suscitado por Deus para o bem das pessoas, assumindo existir não para si mas para os outros. A esta luz, o ISA é, na totalidade de si mesmo e em cada um dos seus membros, só enquanto é aberto aos outros. A sua existência e identidade ganham a sua consistência na base dos dinamismos da entrega, da doação e da atenção aos que estão fora. O ISA à imagem do Mestre existe para servir e não para ser servido.

- b) Esse Serviço é um serviço Apostólico e Missionário

Nesta linha o ISA sente-se chamado por Deus, a colaborar estreitamente na obra evangelizadora da Igreja à imagem dos Apóstolos quer com aqueles que estão perto (serviço apostólico) quer com aqueles que estão longe (serviço missionário). A esta luz o

serviço do ISA não tem fronteiras. É para ser realizado em qualquer parte do mundo independentemente das situações económicas, sociais ou políticas.

c) É um serviço centrado preferencialmente na formação de leigos

Esta preferência manifesta uma direcionalidade específica do serviço a nível dos destinatários, aquela da laicidade. Com isto o serviço centra-se preferencialmente, não exclusivamente, naqueles que pelo Batismo exercem o sacerdócio comum dos fiéis no mundo em que vivem, e procura torná-los aptos a serem testemunhas perseverantes dos valores do Reino dentro da realidade em que se encontram, por forma a que a Boa Nova de Jesus Cristo, por eles vivida, seja o encanto, a alegria e a esperança de um número cada vez maior de pessoas que, pela descoberta do Evangelho, se deixam seduzir pelo Filho de Deus.

d) Essa formação tem como finalidade levar os leigos a um compromisso no mundo e na Igreja.

Com esta afirmação realça-se que a formação levada a cabo é para que os leigos atuem o seu compromisso batismal dentro de dois espaços distintos, a saber, no mundo e na Igreja. No mundo, certamente, pelo testemunho da vivência dos valores do Reino como acima referimos por forma a despertarem a fé em muitos corações adormecidos e a enraizá-la em muitos corações indiferentes. Na Igreja, certamente, através de ações pastorais concretas inseridas nos planos das Igrejas particulares onde se encontram a atuar o seu compromisso batismal.

e) Maria, a «Serva do Senhor», surge como o modelo de e para todo este serviço carismático do ISA.

Com isto realça-se a pessoa de Maria como fonte inspiradora permanente de serviço através da releitura da sua vida de compromisso incondicional de entrega alegre a Deus na doação generosa aos irmãos, deixando emergir os traços típicos da sua feminilidade enquanto mãe, esposa, vizinha, companheira, discípula, peregrina ...

2. Releitura questionadora do carisma, expresso nas constituições de 1989

Ao reler o texto de 1989 passados cerca de vinte e cinco anos, o ISA reconhece haver necessidade de o reformular mediante um questionamento objetivo centrado na especificidade da secularidade consagrada.

A essa luz o ISA assume ter que clarificar alguns pontos que aí surgem um tanto obscuros, esclarecer outros cheios de ambiguidades e abrir ainda outros a novos horizontes de interpretação.

2.1. Pontos obscuros

Um primeiro ponto obscuro votado à discussão de acordo com a formulação de 1989 prende-se com os conceitos «Apostólico» e «Missionário». Serão estes dois mundos independentes e autónomos de serviço? Carrega o ISA no seu carisma um serviço duplo? O serviço missionário

é um serviço de evangelização tipicamente “ad gentes?” Mas, se assim é, porque é que o ISA nunca atuou nesse sentido?

Diante de todas estas interrogações pertinentes é necessário clarificar dizendo o seguinte:

- a formulação “serviço Apostólico e Missionário” não deve ser lida na base do Apostólico e Missionário mas tão somente na base do serviço. Com isto, esta formulação não se refere a dois serviços independentes e autónomos, mas tão somente a duas interpretações interativas do mesmo serviço. Neste sentido o serviço é sempre o mesmo, o serviço evangelizador. Só que um serviço evangelizador, chamado a ser atuado à imagem dos Apóstolos como vem descrito no livro dos Atos (daí Apostólico) e aberto a todas as pessoas, quer as que estão mais perto quer as que estão mais longe (daí missionário).

Um segundo ponto obscuro votado à discussão está relacionado com o compromisso para onde a formação levada a cabo com os leigos aponta nesse texto de 1989, a saber, um compromisso «no mundo e na Igreja». A esta luz perguntamos: a secularidade tão reivindicada pelos Institutos Seculares embora não impeça uma convivência com a pastoralidade, não ficará afetada se se quiser agarrar tudo ao mesmo tempo? Ou seja, um compromisso simultâneo no mundo e na Igreja, não sendo impossível, não levará, contudo, as pessoas a ficarem baralhadas e confusas? E mais, não as levará a deixarem-se seduzir pelo mais fácil e cómodo? É que um trabalho pastoral dentro de estruturas já organizadas é sempre mais sedutor e pode acabar por obscurecer e até fazer desaparecer um trabalho comprometido dentro do mundo onde há que inovar e criar constantemente para além das seguranças proporcionadas por estruturas já organizadas.

Diante disto é pois necessário clarificar que o compromisso típico da secularidade é o mundo, o «saeculum». Por isso a formação levada a cabo pelo ISA tem de ser prioritária e fundamentalmente uma formação para um compromisso no mundo e dentro do mundo. É aí o compromisso dos leigos. O que possam vir a realizar na Igreja não é prioritário deles. Desaparece então o compromisso na Igreja? Como espaço autónomo e independente do mundo, sim. Como horizonte de compreensão, não. Que quer isto dizer? Quer dizer que a realidade da Igreja permanece no compromisso dos leigos só que de maneira diferente. Em vez de um espaço de atuação surge como um horizonte de compreensão obrigando a que esse compromisso seja sempre realizado numa profunda comunhão com a Igreja, vendo-se os leigos a atuarem no mundo não como elementos independentes e solitários mas sempre como batizados e, por isso, conscientes da sua pertença eclesial. A esta luz eles comprometem-se não «no mundo e na Igreja», mas sim «no mundo em Igreja».

2.2. Ambiguidade

Uma grande ambiguidade que o texto de 1989 carrega consigo tem a ver com o facto de saber se, de acordo com o texto em causa, o ISA e cada um dos seus membros se vê a atuar no mundo de uma forma direta ou apenas e tão somente indireta. É que a formulação «com especial preferência pela formação de leigos para o seu compromisso ... » não deixa claro se o

ISA nesta formação preferencial assume trabalhar no despertar e formar da fé de todas e quaisquer pessoas que estão no mundo ou se apenas se centra na formação dos já batizados. Esta ambiguidade deve ser salientada porquê? Porque se tal formação se centrar exclusivamente nos já batizados para que estes depois atuem no mundo, então o ISA no seu todo e em cada um dos seus membros está a atuar o seu serviço preferencialmente dentro da Igreja (naqueles e com aqueles que já estão batizados e são, por isso, leigos). E, se atua no mundo é tão somente de uma forma indireta através desses leigos que funcionam, diríamos notoriamente, como uma ponte para o ISA alcançar o mundo. Mas, perguntamos: Com isso o ISA não perde totalmente a sua especificidade secular? Com isto o seu serviço evangelizador não se torna numa caricatura e numa mentira?

Por tudo isto é necessário esclarecer que a secularidade específica do ISA o obriga a “sujar as mãos”, a estar diretamente dentro do mundo, a colocar a sua especial preferência não na formação de leigos, mas no despertar e formar a fé preferencialmente daqueles que se mostrem indiferentes para com Jesus Cristo e a sua Igreja ou vivem como se Deus não existisse. Claro que aqui entram também os leigos, mas preferencialmente aqueles leigos que, embora batizados em crianças, vivem à margem de Jesus Cristo e da Sua Boa Nova de Salvação.

A esta nova luz, superada tal ambiguidade, o ISA e os seus membros garantem um carisma profundamente secular, porque evangelizador.

2.3. Novos Horizontes de Interpretação

Os pontos obscuros e as ambiguidades acima clarificados e desfeitos, já nos foram abrindo a novos horizontes de interpretação que agora convém identificar mais adequadamente.

Um ponto necessitado de ser aberto a novos horizontes de interpretação em nome da secularidade consagrada é aquele que se refere no texto de 1989 «à formação de leigos para o seu compromisso no mundo e na Igreja».

Tendo em conta o questionamento feito em 2. 1. a esta formulação, o ISA está consciente de que não pode continuar a pactuar com a obscuridade que tal formulação encerra e, para isso, reformula o texto abrindo-o a um novo horizonte de interpretação. O texto reformulado diz o seguinte: «à formação de leigos para o seu compromisso no mundo em Igreja.» Ao substituir “e na” por “em”, o ISA abre um novo horizonte de interpretação para o seu carisma, novo horizonte esse que recusa dois espaços independentes, autónomos e paralelos, destinatários do compromisso (o mundo e a Igreja) para se situar apenas num, aquele do mundo, dentro do qual se situa a Igreja não mais como destinatária do compromisso mas, como comunhão de todos os seus membros, integrando, por isso, também os do ISA e o ISA, como sujeito do compromisso, sendo na comunhão com ela que os leigos são chamados a comprometerem-se dentro do mundo em que vivem.

Mas este mesmo ponto carrega consigo, à luz do questionamento referido em 2.2, a necessidade de um outro novo horizonte de interpretação que defenda e promova a especificidade secular do ISA e que tem a ver com aqueles com quem realiza a formação. E este novo horizonte de interpretação coloca o ISA a agir no mundo não numa forma meramente catequética mas numa forma preferencialmente evangelizadora, isto é, direcionada não aos agentes que evangelizam, mas aos destinatários a serem evangelizados. Para isso não se pode dirigir preferencialmente aos leigos consciencializados da sua pertença à Igreja pelo Batismo, mas a todos aqueles para quem Jesus Cristo ainda não é o Senhor. Portanto a sua ação não pode ser preferencialmente aquela de levar os leigos a aprofundarem a sua fé para o testemunho no mundo, mas sim aquela de despertar a fé no coração de quantos vivem sem ela. A esta luz a sua ação deve dirigir-se a todos os homens de boa vontade especialmente os corações adormecidos. E, para isto, tem que encontrar um método que comece não pela proposta do Evangelho mas pela escuta dessa gente a evangelizar, procurando descortinar os seus anseios e, nessa base, iluminá-los com a luz de Cristo. Só desta forma o ISA e os seus membros se encontram a atuar verdadeiramente no mundo e dentro do mundo, "sujando as próprias mãos", na proximidade, acolhimento, diálogo, procura, e não mantendo-se "limpo" mediante as luvas de uma ponte composta pelos leigos.

Estes novos horizontes de interpretação intimamente aliados aos pontos obscuros e ambiguidade anteriormente referidos, permitem reformular o texto das Constituições de 1989, levando a escrever agora: Na diversidade de dons e carismas que Deus concede à Igreja em Jesus Cristo, pela ação do Espírito Santo, para o bem comum, o que nos caracteriza é o Espírito de Serviço Apostólico e Missionário pondo-nos em disponibilidade para colaborar com a Igreja na Evangelização com especial preferência pelo despertar da fé nos corações adormecidos sem nunca esquecer a formação de leigos para o seu compromisso no mundo em Igreja.

3. Desafios e possibilidades

A releitura questionadora feita no ponto anterior permite-nos, agora, intuir com clarividência alguns desafios e possibilidades que o carisma do ISA é chamado a enfrentar e perseguir na sociedade atual em que nos encontramos e que passamos a enunciar.

3.1 Redescobrir a novidade do serviço Apostólico e Missionário

Um primeiro desafio que é uma possibilidade em aberto é a capacidade e ousadia para redescobrir a novidade permanente do serviço apostólico e missionário e a sua urgência na atualidade mediante a implementação de um novo ardor e novos métodos. Com efeito, o serviço apostólico e missionário embora não tendo época porque o mandato de Jesus Cristo "Ide e Ensinai" é de ontem, de hoje e de sempre, ganha um cariz de novidade em cada tempo e lugar devido às alegrias e esperanças, tristezas e angústias, expectativas e desilusões das pessoas que aí vivem. Neste sentido, redescobrir a novidade do serviço apostólico e missionário na atualidade é perceber que num mundo vazio de sentido e perdido nas soluções

do imediato, mas sedento de segurança e solidariedade, só este serviço tem a capacidade para livrar as pessoas das teias dos ídolos e das garras dos vendedores de ilusões, fazendo brotar no coração das pessoas caminhos firmes de realização no amor. Por isso, é urgente manifestar com novo ardor a alegria da fé e a esperança da vida eterna intimamente ligadas a uma proximidade samaritana, e encontrar novos métodos capazes de fazer despertar nos corações adormecidos a ânsia de um futuro melhor possibilitado pela adesão a Jesus Cristo no mandamento novo do amor.

Este desafio é uma possibilidade real se o ISA nos seus membros procurar apresentar-se neste serviço sempre como testemunha credível e nunca como mestre doutrinador, e procurar escutar mais do que falar para, assim, poder verdadeiramente prestar atenção às moções do Espírito e discernir os novos métodos que Ele cria e lhes coloca nas mãos.

3.2. Saber Convocar, Congregar e Reunir

Um segundo desafio que também se pode converter numa real possibilidade prende-se com a capacidade do ISA para saber convocar, congregar e reunir as pessoas a quem a Boa Nova da Salvação é dirigida no dinamismo da Evangelização. Com efeito, o serviço apostólico e missionário para atingir os seus objetivos e fazer brotar os seus frutos tem que se direccionar a corações despertos e interessados em dialogar. Para tal, é necessário encontrar modos concretos que permitam aos corações adormecidos sentirem-se convocados e desejosos de se congregarem para, em reflexão, partilha e colóquio se darem a conhecer. Neste sentido, convém perceber que o método do levar a mensagem convidando as pessoas para ouvirem não está mais a surtir efeito. E isto porque as pessoas cheias de preconceitos e posições pré-fabricadas, pensam já saber de antemão o que se lhes quer dizer e retraem-se diante da mensagem como uma mercadoria a impingir. Então, se assim é, torna-se urgente e necessário inovar e criar, ser inventivo. Como? Isso é busca e procura para o ISA neste século XXI. Contudo, nada se perde em realçar que talvez uma forma adequada seja aquela de pôr as coisas às avessas, isto é, em vez de procurar levar a mensagem convidando as pessoas para ouvirem, seja o tempo propício para levar a mensagem convidando as pessoas a falarem. Que quer isto dizer? Quer dizer colocar os evangelizadores na assembleia que escuta e aqueles a quem se pretende evangelizar na tribuna. Para quê? Para ouvir o que lhes vai na alma e no coração. Por exemplo, porque é que não creem; porque é que são indiferentes; porque é que não celebram os sacramentos; porque é que não vivem um dinamismo de pertença à Igreja; o que esperariam ver nos cristãos; que críticas têm a fazer; que ideias pré concebidas carregam consigo ... etc ... etc.

Saber convocar, congregar e reunir é caminho primeiro e fundamental a percorrer, método a inovar, desafio a vencer. Mas é também uma possibilidade profundamente frutuosa para o serviço apostólico e missionário. E o ISA, em nome da fidelidade ao seu carisma, não o pode ignorar.

3.3. Sentir com a Igreja

Um terceiro desafio que é também uma possibilidade refere-se ao sentir com a Igreja. Com efeito, o serviço apostólico e missionário atuado pela capacidade de saber convocar, congregar e reunir, só dará os seus verdadeiros frutos se “sujarem as mãos” no compromisso com uma profunda consciência de serem somente enquanto são em Igreja, ou seja, enquanto vivem uma profunda experiência e convicção de comunhão e pertença eclesial, sabendo que se encontram a agir não em nome próprio e numa fé individual, mas em nome de Jesus Cristo e da fé da Igreja. A esta luz as Servas sentem as preocupações evangelizadoras da Igreja no mundo atual e, nessa linha, assumem uma fidelidade inequívoca à grande Tradição na sua mais profunda identidade do ser cristão, sabendo relativizar aquilo que é acessório à imagem do chamado primeiro Concílio de Jerusalém (cf. Act. 15,1-29) e predispondo-se a não fazer nunca da fé um mero adorno. Assim fazendo, elas serão verdadeiramente evangelizadoras porque não perdendo nunca de vista a identidade mais profunda do ser cristão estarão mais à vontade para dialogar sem medos e sem receios, mas também sem intolerâncias nem triunfalismos tornando, deste modo, o sentir com a Igreja numa bela possibilidade de abrir caminhos de proximidade quebrando gelos e criando pontes.

3.4. Trabalhar em rede

Um quarto desafio que é também uma possibilidade relaciona-se com a capacidade dos membros do ISA para trabalharem em rede na sua ação evangelizadora. Que quer isto dizer? Quer dizer, em primeiro lugar, que num mundo global em que as pessoas mediante as novas tecnologias têm a possibilidade de ter acesso à informação num tempo real e, com os “Facebook”, “Twitter” (...) podem estar em contacto permanente umas com as outras, as servas não podem ignorar estes novos instrumentos para estarem em contacto umas com as outras partilhando iniciativas, estimulando-se em projetos e ações, trocando experiências e inovações. Em segundo lugar quer dizer que neste novo mundo das redes sociais em que todos estão perto de todos, as Servas do Apostolado não se podem dar ao luxo de trabalhar na evangelização cada uma para seu lado por sua própria conta e risco, mas têm que aprender a trabalhar em conjunto como um todo, aceitando continuar uma o que a outra já começou, não desfazendo esta aquilo que aquela já construiu, tendo em conta que cada uma está ao serviço de um todo que a ultrapassa, não só a ela, mas ao próprio Instituto e que é o bem de cada pessoa a evangelizar por amor ao mandato do Divino Salvador. Neste sentido, e parafraseando S. Paulo, as Servas têm que aprender a viver a alegria e a certeza de que na ação evangelizadora que levam a cabo, de acordo com o carisma próprio do Instituto, uma semeia, outra rega, outra colhe, mas é o Espírito Santo que faz nascer e crescer a Boa Nova da Salvação no coração de cada homem e mulher a quem se sabem enviadas.

3.5. Ser laboratório experimental

Um quinto desafio que é também uma possibilidade prende-se com o convite lançado por Paulo VI (25/08/1976) e repetido por Bento XVI (3/02/2007) aos Institutos Seculares no

sentido de cada um ser “laboratório experimental” deixando bem claro, a esta luz, que estes Institutos são aqueles “lugares” chamados a ensaiar novos caminhos de evangelização para oferecer à Igreja. Neste sentido, o ISA, como Instituto Secular que é, não pode ficar alheio a este repto. Também ele é chamado a exercer esta responsabilidade, consciente que a Igreja Universal, e não somente a local, coloca nele a sua esperança e confiança, acreditando que ele é capaz de inovar e criar novos métodos, ensaiá-los e, depois, colocá-los nas mãos da Igreja para um melhor exercício da sua missão evangelizadora. O ISA tem, assim, que se consciencializar que é um Instituto de ponta e não de retaguarda. É um Instituto que, pelo seu carisma e missão, vai à frente e tem necessariamente de ir à frente sob pena de deixar de ser o que é. Isto exige ao ISA e aos seus membros muita coragem, muita ousadia, muita tenacidade, muita perspicácia, muita capacidade para saber correr riscos. É isto difícil? Certamente. Mas é também muito motivante e compensador pois prende-se com a certeza alegre de que é heroico desbravar terreno para que outros o possam percorrer. E ser laboratório experimental é ser desbravador do terreno da evangelização deixando no caminho os sinais pelos quais depois a Igreja se poderá guiar com maiores seguranças e melhores certezas. Ser laboratório experimental é realizar um grande e frutuoso serviço de vanguarda como possibilidade para o enraizamento da Boa Nova da Salvação no coração de muitos irmãos.

3.6. Revisitar Maria sobretudo nas Bodas de Caná.

Se Maria é o modelo de serviço assumido pelo ISA no seu carisma e missão é-o certamente tendo em conta a integralidade e globalidade da sua pessoa e testemunho e, por isso, tudo o que na vida de Maria surge como dinâmica de serviço é sempre inspiradora e, como tal, realidade a imitar numa fidelidade criativa.

Contudo, tendo em conta que o serviço típico do carisma do ISA é o ser um Serviço Apostólico e Missionário, Maria tem que emergir preferencialmente para o mesmo ISA também no seu dinamismo apostólico e missionário.

Neste sentido, surge então um sexto desafio que é também uma possibilidade e tem a ver com um revisitar Maria nas Bodas de Caná procurando descortinar aí a ação apostólica e missionária levada a cabo por ela. Como emerge aí Maria aos nossos olhos? Antes de mais como aquela que está profundamente atenta àquilo que se passa com profunda perspicácia e discrição. Com efeito, embora integrada pela alegria da festa no convívio despreocupado com todas as pessoas, Maria lê tudo o que se passa com interesse e sem obscuridades sendo, por isso, a única a perceber o drama dos serventes: faltou o vinho. Depois emerge como aquela que “suja as mãos” tomando a iniciativa de ir ao encontro das pessoas – no caso os serventes – criando e inovando caminhos de solução. A esta luz Maria não fica tolhida por nenhuma perplexidade, angústia ou desespero, nem se torna indiferente ao drama, mas toma a dianteira apresentando-se aos serventes indicando-lhes o caminho a percorrer para resolverem o problema com que estão confrontados. Em seguida, emerge como aquela que, com convicção e de uma forma destemida aponta Seu filho Jesus Cristo como a fonte única de

solução convidando os serventes a fazerem o que Ele lhes disser, pois está consciente de que Ele é a única fonte de todos os bens. Assim fazendo, Maria reconduz as pessoas à fonte essencial de todo o sentido, de toda a vida, de toda a festa, evitando que se deixem enredar nas teias desestruturantes e caóticas da angústia e do desespero. Maria emerge ainda como aquela que agindo deste modo serve numa forma inovadora e audaz a evangelização daqueles corações pois todo este seu serviço acaba por levar Jesus, Seu Filho, a atuar revelando-se apesar de antes lhe ter dito que ainda não chegara a sua hora. E, neste sentido, é um serviço verdadeiramente apostólico e missionário, evangelizador, pois abre caminhos para que o coração de Deus venha ao coração dos homens e o coração dos homens vá ao coração de Deus.

À luz de Maria nas Bodas de Caná, numa profunda fidelidade criativa, o ISA e os seus membros hão de aprender a percorrer numa forma permanente e contínua este caminho de serviço evangelizador, estando atentos, “sujando as mãos”, apontando Jesus Cristo, abrindo horizontes de esperança, na consciência de que tudo isto é uma possibilidade extraordinária de atuar o seu carisma em favor da salvação de muitos irmãos.

V – PROJETAR FIOS DE LUZ

A identidade, missão e carisma do ISA acima delineados, carregam consigo mesmos, uma exigência de vida segundo o Espírito, muito própria e que constitui aquilo que podemos denominar de Espiritualidade. Esta, com efeito, não surge nos membros do ISA como algo que é acrescentado à sua identidade, missão e carisma, mas como algo que brota deles qual fruto da sua própria árvore.

Tendo isto em conta, vamos, agora, neste quinto e último capítulo procurar trazer à luz do dia aqueles quadros e vetores típicos dessa vida segundo o Espírito a partir da qual os membros do ISA projetam dentro do mundo, onde se encontram, fios de luz. Sublinharemos três quadros e três vetores:

1. Quadros

1.1 “Vinde e vede!” - o encanto de ser convidado

As Servas do Apostolado, cada uma à sua maneira, fizeram todas a experiência interior de serem chamadas à santidade numa vida batismal original, aquela da secularidade consagrada. E, por isso, sabem que o seu caminho de perfeição está na atuação testemunhal, dentro do mundo, da sua inserção em Cristo pelo batismo, tendo em conta que tal atuação significa agir de acordo com aquilo que se é através dessa inserção, isto é, pessoa nova à imagem de Cristo, o Homem Novo.

Contudo, sabem também que tal caminho de perfeição não nasce numa ordem exterior formal obrigante, mas sim dum encontro interior com Cristo entusiasmante.

Com efeito, cada Serva reconhece que na origem da sua entrega e doação está o quadro do encanto de um convite - Vem! – Que seduz pelo que mostra – Vê!

À luz deste quadro estão conscientes que se ofereceram a Jesus Cristo e aos irmãos não na base de uma perspectiva utilitária do “para quê”, mas sim na base da perspectiva gratuita do “porquê”, isto é, não na perspectiva de alcançarem alguma coisa a partir do seu esforço ou interesse pessoal, mas na perspectiva de se mostrarem agradecidas por terem sido alcançadas por Jesus Cristo, na Sua bondade, ternura, proximidade e encanto. Com isto, reproduzem vivencialmente, numa fidelidade criativa, uma resposta típica do verdadeiro discípulo já presente nos testemunhos narrados na Sagrada Escritura. A tal propósito basta recordar aqui, apenas a título de exemplo, o encanto das quatro horas da tarde narrado em Jo. 1, 35 – 39; o encanto da Samaritana narrado em Jo. 4, 7 – 26; o encanto de Zaqueu narrado em Lc. 19, 1 – 10; e o encanto de Tomé narrado em Jo. 20, 24 – 28.

Como estes discípulos de outrora, as Servas sabem que é no encanto que o “vinde e vede” de Jesus Cristo proporciona e desperta em seus corações que a sua espiritualidade começa verdadeiramente a ganhar forma, pois é esse encanto que lhes permite entregarem-se de alma e coração ao Senhor e deixarem-se conduzir pelo Seu Espírito acolhendo no mais profundo de si mesmas aquelas palavras de Deus escutadas por Maria Isabel: “Confia e ama.”

Encantadas pela pessoa de Jesus Cristo no seu convite “Vinde e vede!” colocam-se totalmente nas mãos de Deus e com uma confiança plena e um amor desmedido entregam-se para serem no seu dia a dia um com Ele no serviço dos irmãos. É que, encantadas com o convite do Senhor podem não saber para onde vão nem como vão, mas uma coisa retêm como garantida: sabem com quem vão. E isto basta-lhes para poderem, no Espírito Santo, projetar com a sua vida, no mundo em que se encontram, fios de luz.

1.2. “Que bom é estarmos aqui!” – a beleza de ter sido alcançado

Guiadas pelo encanto proporcionado pelo “Vinde e Vede”, as Servas deixam-se mergulhar nas calmas águas do Mistério insondável do Deus Trindade e, uma vez inundadas pela luz emanada do seu encontro com Cristo, acordam para a beleza de ser com o Senhor Jesus que tal encontro proporciona. Neste sentido, reconhecem que a sua espiritualidade se aprofunda dentro dum novo quadro composto por uma espécie de “Monte do Tabor” onde Deus, resplandecente de beleza e majestade, as agarra interiormente com tudo aquilo que têm e são. Por isso, à imagem de Pedro exclamam: “Que bom é estarmos aqui” (Mt.17,4).

- Aqui neste Tabor, do meio do mundo, inundadas pela beleza do ser com Cristo.

- Aqui neste Tabor, de dentro do mundo, transfiguradas pela luz do ser de Cristo.
- Aqui neste Tabor, de dentro do mundo, seduzidas pelo encanto do ser por Cristo.

A experiência torna-as convictas de que é verdadeiramente bom estar neste Tabor do mundo por Cristo, com Cristo, e em Cristo numa atitude contínua de adoração para com Aquele que as cativou e seduziu, e de ação de graças por tudo aquilo que neste Tabor do mundo podem tocar e, com esse toque transfigurar, para o poderem entregar à glória de Deus num louvor perene.

De acordo com este quadro as Servas do Apostolado aprofundam a sua espiritualidade fazendo da sua vida um hino de adoração à glória da Trindade na oferta de si mesmas, através dos conselhos evangélicos da pobreza, castidade e obediência, e de todas as realidades terrestres transfiguradas através da projeção dos fios de luz que fazem brotar dos seus corações; um hino de ação de graças à majestade de Deus, na gratuidade de um viver fundado na beleza de terem sido alcançadas pelo Senhor; um hino de louvor à onipotência amorosa de Deus, na ânsia de O ajudar a bafejar com o Seu sopro vivificante tudo aquilo que tocam e todos aqueles de quem se aproximam.

Estando aqui neste Tabor do mundo inundadas pela beleza de terem sido alcançadas pelo rosto de Deus manifestado e presente em Jesus Cristo, as Servas sentem-se felizes, alegres e realizadas porque salvas e procuram testemunhar com a sua vida que projeta, numa forma totalmente gratuita, fios de luz, essa mesma felicidade, alegria e realização, sabendo de antemão que, nessa gratuidade do seu viver, todos os homens e mulheres de boa vontade se sentirão contagiados por elas e, nesse sentido, também conscientes da beleza de terem sido alcançados pela ternura do Senhor Jesus. É que, uma vez cativadas e seduzidas, alcançadas e iluminadas no encontro amoroso com o Senhor, as Servas do Apostolado podem não saber técnicas de sedução ou marketing, mas sabem o essencial: que quando se fez a experiência espiritual profunda de ter sido alcançado pela ternura amorosa de Deus, basta viver essa experiência de encontro, atuando-a, para contagiar os corações de muitos irmãos com os fios de luz que a partir daí se projetam.

A esta luz elas atualizam espiritualmente aquilo que Bento XVI afirmava em 3 de Fev de 2007: “A vossa paixão nasce de terem descoberto a beleza de Cristo, do seu modo único de amar, encontrar, curar a vida, aliviá-la, confortá-la. E é esta beleza que as vossas vidas querem cantar, para que o vosso ser no mundo seja sinal do vosso ser em Cristo.”

1.3 “Ide e anunciai” – a alegria de ser enviado

Inundadas pela beleza do ser com Cristo no mundo e para o mundo enquanto foram alcançadas por Ele, as Servas sentem-se interiormente enviadas por Jesus para, dentro do mesmo mundo, testemunharem na caridade, a alegria da fé e a beleza da esperança que as une a Cristo no serviço dos irmãos. Neste sentido, reconhecem que a sua espiritualidade se alimenta continuamente através do quadro constituído pelo Monte da Ascensão na Galileia (cf. Mt.28,16-20) e que é o quadro que manifesta a alegria de ser enviado. Com efeito, certas de que o seu alimento espiritual é “ir e anunciar” a salvação experienciada e oferecida em Jesus Cristo morto e ressuscitado, fazem desprender de si mesmas fios de luz que brotam da sua união a Cristo, fazendo-os chegar a todos aqueles com quem se encontram dentro do mundo onde Ihes foi dado viver. E nesses fios de luz transportam todo o entusiasmo da salvação em Cristo, oferecendo neles e com eles, a certeza de que só Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. E isto não procurando iludir, mas tão-somente seduzir e cativar, retendo decididamente como S. João que não podem deixar de dar testemunho do que ouviram e viram, do que contemplaram e suas mãos tocaram (cf. 1 Jo.1,1), pois como Pedro e João não podem deixar de afirmar o que viram e ouviram (cf. Act. 4,20). É que a alegria de anunciar é mais forte que todos os medos e receios, que todos os sofrimentos e incompreensões. Por isso, sentindo o entusiasmo e a ousadia de serem enviadas anunciam a alegria de estarmos salvos em Jesus Cristo, fazendo deste anúncio um caminho pessoal de santificação na obediência da fé ao Senhor que as envia. E nessa alegria de serem enviadas tornam-se na cidade secular difusoras da luz deste seu Tabor com as suas próprias existências transfiguradas na fidelidade ao dom recebido. É que cativadas pelo Senhor que não só chama mas também envia, estão cheias duma alegria transbordante que não conseguem reter nem abafar e, por isso, deixam-na seguir o seu curso qual rio de água viva que, sem apresentar qualquer fatura, leva a vida do Ressuscitado onde há a morte do Demónio, a limpeza da graça onde se instalou a imundície do pecado, os vales verdejantes da esperança onde se encontram os desertos da amargura, fazendo brotar o alimento da caridade onde há a fome de sentido e surgir fios de luz onde há a escuridão das trevas.

2. VETORES

2.1. Viver no mundo e dentro do mundo – uma espiritualidade da encarnação

Um dos aspetos bem patente na identidade, missão e carisma do ISA é o seu estar no mundo e dentro do mundo próprio da sua consagração secular.

A esta luz um primeiro vetor ou traço típico da espiritualidade do ISA e de cada um dos seus membros é a encarnação à imagem do Verbo de Deus que se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo.1,14). Tal como em Jesus Cristo feito carne, Deus se aproximou definitivamente da humanidade fazendo-se um de nós, assim os membros do ISA

estão consagrados para estarem junto das pessoas concretas do seu tempo e tornarem aí presente o rosto de Deus. Um rosto bondoso e compassivo, misericordioso e cheio de amor. Com efeito, assim como Jesus Cristo incarnado convive com os homens e, não fazendo aceção de pessoas, lhes fala de Deus, os cura, assume os seus sofrimentos, abre-lhes caminhos de esperança, também as Servas se sabem chamadas a viver próximo das pessoas, a compreendê-las, a amá-las, a servi-las, e a oferecer-lhes, nos seus gestos e atitudes, o testemunho salvador de Jesus Cristo projetando a partir dos seus corações fios de luz.

Para tal sabem que têm que viver continuamente na sua vida um dinamismo de contemplação do Cristo incarnado, isto é, um entrar no templo da sua Pessoa para, numa fidelidade criativa, poderem ter gestos e atitudes condizentes com o agir típico de Jesus Cristo no meio do mundo e aí projetar fios de luz.

Contemplando Cristo incarnado descobrem que Cristo agiu aberto ao mundo e, nesse sentido, conheceu o estado decadente e a ânsia de salvação do povo; aproximou-se das pessoas e das suas preocupações; teve em conta a linguagem, psicologia e problemas das gentes; destruiu estruturas de pecado e restituiu às pessoas a liberdade e dignidade; convidou ao encontro com ele, a olhar para o íntimo do coração e a comunicar com Deus, para começar a mudar e transformar o mundo. A esta luz, num impulso de imitação fiel e criativa, assumem que não podem viver espiritualmente alheias às preocupações do mundo; que hão de estar no mundo como sal, luz e fermento; que hão de testemunhar Cristo com uma linguagem adaptada; que têm que se aproximar das pessoas para as conhecer, aceitar e lhes apontar o caminho para o encontro com Cristo; que são chamadas a testemunhar espiritualmente por palavras e obras a própria fé; que têm que ter muito presente e viver no dia a dia aquilo que a carta aos Hebreus em 1,1-2 aplica a Jesus, ser a Palavra do Pai, o porta-voz definitivo da plenitude do Mistério de Deus; que importa amar não de boca, isto é, com palavras, mas em obras e verdade (cf.1Jo.3,18); que se lhes exige uma vida de profunda solidariedade, confiança e comunhão tendo sempre em conta que a Deus tudo é possível (cf.Mc.10,27); que são chamadas a anunciar o Evangelho a todos os povos, gastando a vida e correndo riscos e perigos se for necessário (cf.2cor.11,16;12,15) para, dessa maneira, poderem projetar sempre e em cada dia fios de luz.

2.2. Viver em Cristo e em comunhão com Cristo – uma espiritualidade da eucaristização.

Um outro aspeto bem presente na identidade, missão e carisma do ISA prende-se com o facto de a sua secularidade ser consagrada e, como tal, ter que ser vivida em comunhão radical com Cristo.

A esta luz, um segundo vetor ou traço próprio da espiritualidade do ISA e de cada um dos seus membros é a eucaristização à imagem do acontecimento da Última Ceia

realizada no Mistério Pascal e permanentemente atualizada no Sacramento da Eucaristia.

Jesus Cristo na Última Ceia, narrada pelo Evangelho segundo S. Lucas, começa por dizer: "Tenho desejado ardentemente comer esta Páscoa convosco" (Lc.22,15) dando a entender que ela esteve presente em seu coração ao longo de toda a sua existência terrena como um objetivo bem definido. E depois, tomando o pão e distribuindo-o atesta: "Isto é o Meu Corpo que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória"(Lc.22,19) para, de seguida, afirmar ao pegar no cálice: "Este cálice é a nova aliança no Meu Sangue, que por vós se vai derramar" (Lc.22,20), tornando evidente com estes gestos e palavras que toda a sua vida e pessoa são uma oferta em favor da humanidade.

Ao olharmos para estes gestos e palavras de Jesus, notamos que neles e com eles Ele quer sintetizar o essencial de toda a sua existência, a saber, a oblatividade. Oblatividade presente no antes da última ceia; oblatividade presente durante a última ceia; e oblatividade presente no depois da última ceia. No antes, a oblatividade está presente no seu nascimento e em toda a sua vida pública. No durante, na instituição da nova Páscoa. No depois, no Mistério da Cruz. Por isso S. Paulo na carta aos Filipenses pode escrever: "Ele que era de condição divina não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus; mas despojou-se a Si mesmo tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens. Tido pelo aspeto como homem, humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz." (Fil.2,6-8). À luz deste texto paulino a oblatividade do nascimento é esse despojamento; a da vida pública é essa condição de servo tornando-se semelhante aos homens; a oblatividade da cruz é essa obediência até à morte e morte de cruz. Despojamento, serviço, obediência são aqui os dinamismos próprios dessa oblatividade e, tudo isso, vivido sempre em favor da humanidade e para o nosso bem. Daí a carta aos Hebreus não recear dizer que n' Ele temos um Sumo Sacerdote pronto a compadecer-se das nossas fraquezas, pois foi provado em tudo como nós, exceto no pecado (cf.Heb.4,15).

Se assim é, e de facto à luz da fé sabemos que é, então as Servas do Apostolado compreendem e fazem suas as exortações deixadas também pelas mesmas cartas aos Filipenses e aos Hebreus, a saber: "aproximemo-nos confiadamente do trono da graça" (Heb.4,16) e, "tende entre vós, os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus" (Fil.2,5). Assim sendo, aproximando-se de Jesus Cristo sacerdote e vítima de amor sobre o altar do sacrifício procuram, na união com Ele, fazer das suas vidas uma oblação contínua no cumprimento do dever de cada dia. Esta oblação contínua procura imitar a oblação de Cristo atualizada cada dia no Sacramento da Eucaristia. Por isso, as Servas compreendem e assumem que esta sua oblação é uma eucaristização, deixando-se envolver espiritualmente pelo sentido e significado mais profundos desse Sacramento e que é, sem dúvida, a oblatividade. Para isso, fazem da Eucaristia uma

fonte permanente da sua espiritualidade procurando, como afirmava Maria Isabel, fazer das suas vidas uma missa contínua e isto pelas ações, obras, alegrias, dores, humilhações, tornando-se «hóstias branquinhas»¹⁵ oferecidas com Cristo Sacerdote Eterno.

Com esta eucaristização das suas vidas, os membros do ISA sabem que se tornam ‘tabores’ espirituais a difundir fios de luz dentro do mundo para glória de Deus e, por isso, não se cansam nunca de pedir ao Senhor que as faça ser aquela gota de água que unida ao vinho transformado no sangue de Jesus se doa em oblação de vida eucarística pela Salvação da Humanidade. E, de uma forma especialíssima, pela santificação dos sacerdotes.

2.3. Viver para os outros – uma espiritualidade da dignificação

Um terceiro aspeto bem evidente na identidade, missão e carisma do ISA tem a ver com a certeza de que a secularidade consagrada é um dom a favor dos outros, vistos na sua verdade e dignidade originárias de pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus.

A esta luz um outro vetor ou traço específico da espiritualidade do ISA e de cada um dos seus membros é a dignificação no sentido de não deixar nunca que a dignidade da pessoa humana seja ferida, ultrajada, obscurecida, hipotecada ou destruída.

Para tal, as Servas sabem e assumem que a sua vida segundo o Espírito lhes exige atuar vivencialmente, em fidelidade criativa, o testemunho típico de Jesus Cristo, expresso na globalidade das suas palavras, gestos e atitudes, tendo em conta que ensinou sempre a defesa e promoção da dignidade da pessoa humana e afirmou perentoriamente a Sua própria dignidade de pessoa humana enquanto feito, pela Incarnação, um de nós, nunca abdicando dela. Afirmou perentoriamente a sua dignidade apresentando-se na verdade mais profunda de si mesmo nunca se deixando manipular ou perverter como mostra diante dos Sumos Sacerdotes e Doutores da Lei (cf.Mc.11,27-33), fariseus e partidários de Herodes (cf.Mc.12,13-17), Saduceus (cf.Mc.12,18-27), Caifás (cf.Mt.26,57-68), Herodes (cf.Lc.23,8-11) e Pilatos (cf.Mt.27,11-13). Ensinou a defesa e dignidade da pessoa humana denunciando (cf.Mc.2,27; 3,1-6;3,22-30) acolhendo (cf.Lc5,27-32;7,36-50;15,1-2;19,1-10), curando (cf.Mc.7,32-35;8,22-26;10,46-52); exortando (cf.Mt.6-7;Lc.18,15-17;22,24-26), propondo (cf.Mt.5).

Colocando-se no enalço de Jesus Cristo, as Servas do Apostolado procuram então fazer da sua vida espiritual uma dinâmica de dignificação tornando-se audazes, fortes, ousadas e corajosas na luta amorosa por tudo aquilo que as possa fazer projetar fios de luz típicos dessa dignificação como são a luta pela justiça, a proximidade samaritana

¹⁵ Cf escritos da Fundadora

para com os mais débeis, o testemunho da verdade na caridade e da caridade na verdade, o serviço desinteressado e gratuito para com todos os necessitados.

Fazendo e vivendo deste modo tornam-se também aqui 'tabores' espirituais na certeza de que os fios de luz que projetam alcançam o coração de muitos irmãos e transformam o mundo onde se encontram para o poderem oferecer transfigurado à glória de Deus.